



NANDO  
E O MISTÉRIO DO RIO  
KALONGA

*ANTÔNIO DIOGO*

*NANDO  
E O MINISTÉRIO DO RIO  
KALONGA*

2023

ANTÓNIO DIOGO

# NANDO E O MINISTÉRIO DO RIO KALONGA

*As histórias de Nossas Vidas não se  
calam*

**BOSCH**  
**EDITORIA**  
ESCREVENDO SE RÉVÉLA O MUNDO

## FICHA TÉCNICA

Título Original

*NANDO E O MISTÉRIO DO RIO KALONGA*

Primeira publicação em

Bosch Editora, Luanda/Angola

**1ª Edição**

Todos os direitos

**António Diogo**

reservados ao Autor

E-mail: [diogosalomao818@gmail.com](mailto:diogosalomao818@gmail.com)

© **Copyright by escritor e a editora**

Arte de Capa - Domingos Bosco

A635 Manuel, António Diogo Salomão

Nando e o Mistério Do Rio Kalonga/ António Diogo.

ISBN 978-989-35082-1-3

**BOSCH**  
**EDITORIA**  
ESCREVENDO SE REVELA O MUNDO

*Para Avelina Natália*

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO - I</b> .....	3
<i>O EVENTO</i> .....	4
<i>O CONHECIMENTO QUE TEMOS DE OUTRAS PESSOAS</i> .....	6
<i>NGANGULA</i> .....	9
<i>A CURIOSIDADE DE UM MENINO</i> .....	12
<i>AS COISAS MELHORAM ANTES DE PIORAREM</i> .....	15
<i>OS HOMENS NÃO CHORAM COMO AS MULHERES</i> .....	19
<b>CAPÍTULO - II</b> .....	22
<i>OS MORTOS TÊM PODER</i> .....	23
<i>PRIMEIRA VISÃO</i> .....	26
<i>NANDO, O REMENDEIRO</i> .....	28
<i>A VOZ DO RIO</i> .....	32
<i>A ÚLTIMA VISÃO</i> .....	36
<i>A MAQUINA QUE PASSOU O TEMPO</i> .....	43
<i>TODO PERCURSO TEM UM FIM</i> .....	47
<i>NOSSOS DIAS NORMAIS</i> .....	52
<i>O HOMEM DE DEUS</i> .....	57
<i>O DIA MAIS TRISTE DA MINHA VIDA</i> .....	63
<b>CAPÍTULO -III</b> .....	69
<i>A LUTA DA ALMA</i> .....	70
<i>O REENCONTRO</i> .....	75
<i>UMA REVELAÇÃO CHOCANTE DO MEU AMOR</i> .....	79

<b>CAPÍTULO -IV</b> .....	84
<i>O MISTÉRIO DO RIO KALONGA</i> .....	85
<i>MORRER É INEVITAVEL: ASSIM COMO A MUDANÇA</i> .....	91
<i>QUANDO NÃO CHOVE, A FOME MATA</i> .....	95
<i>REALIZANDO UM SONHO</i> .....	100
<i>A DOR É UMA PROVA DE VIDA</i> .....	105
<i>UMA LUZ NO FUNDO... NÃO SEI</i> .....	115
<i>O QUE PARECE INEVITÁVEL</i> .....	119
<i>QUANDO OS OUTROS CORREM</i> .....	125
<i>NENHUMA HISTÓRIA TERMINA COM “FELIZES PARA SEMPRE”</i> .	127
<b>SOBRE O AUTOR:</b> .....	132

## *PREFÁCIO*

No tranquilo município de Quipungo, as noites sempre foram especiais graças ao céu estrelado que se estendia sobre ele e a uma fogueira que prendia os moradores nas diversas histórias dos mais velhos. No entanto, quando a história da vida começa na calada de uma noite silenciosa, e ao som do estalar de uma bala, os segredos começam a despertar a curiosidade. Lá estava Nando, curioso para buscar as respostas que inquietavam todo o município de Quipungo. Talvez, e só talvez, a história tenha tido que ressuscitar a verdade que há muito se calara. E aqui estamos nós, diante desse mistério corrente chamado vida, diante do rio que leva até a mais forte esperança. Nessa terra, nossas tradições mandam de tal forma que nos rendemos diante daquilo que nos subjugamos. Conforme o autor, “não existem os mínimos felizes”, mas apenas o acessível sobre a mudança incontestável na vida. E resistir, supõe-se lutar contra uma realidade que nem entendemos.

O autor desta obra com certeza sabia o que escrevia, no sentido mais forte do que seja realmente escrever sobre uma realidade a que nos é expresso. Na penumbra de uma aurora que testemunhou segredos enterrados na noite, emerge a história de Nando e Lina, cujas vidas se entrelaçaram numa trama de emoções intensas. A luz que revela o despertar do dia também ilumina as cicatrizes ocultas, enquanto Nando confronta uma revelação que abala as estruturas de sua existência.

Entre o sol que rompe a escuridão e o beijo dos apaixonados, desvela-se uma narrativa marcada pela dor, confissões inesperadas e a busca por redenção. Além deste relato onde o passado tece sombras profundas no presente, desafiando os protagonistas a confrontarem a verdade crua que se esconde sob a superfície da vida cotidiana.

"Nando e o Mistério do Rio Kalonga" é uma aventura emocionante que leva os leitores a uma viagem inesquecível pelas experiências da vida e dos mistérios do passado. Esta é uma história que celebra a curiosidade, a amizade e a busca pela verdade, uma narrativa envolvente que cativará leitores de todas as idades, uma jornada onde os pés se mantêm fixos à terra.

# CAPÍTULO - I

---

"A morte conhece tudo a nosso respeito, e talvez por isso seja triste." – **José Saramago**

---

Não dava para continuar mais, aos sons que permeiavam aquela madrugada, Ti Paulo sentiu a fadiga em seu corpo. Exausto e apossado pelo medo, tombou por terra com os joelhos paralelos. E com a cabeça baixa, o homem não queria encarar seu agressor, mas conseguiu proferir algumas palavras com a voz rouca e fraca:

– *Já basta, me mata!* – O som de sua voz quebrou o clima de silêncio que pairava sobre o município de Quipungo:

– *Passei toda vida fugindo dos meus erros, mas agora, tenho a opção de pagá-los, ainda que seja com a morte.* – Fez uma pausa com a respiração ainda ofegante e prosseguiu seu discurso pré-morte:

– *Não tenho nada a perder além da minha própria vida; não possuo parentes, sou só eu. Então aperta sem mais hesitar esse gatilho sensível de sua arma, chefe. Mate-me e serás promovido.* – O homem era muito procurado pelo serviço secreto por razões desconhecidas, e nunca ouvimos falar sobre seus crimes. Ele era apenas um andarilho e boêmio para nós.

Ouviu-se então um tiro após o discurso do homem em joelhos. As pessoas da vizinhança ouviram tal estrondo, algumas assistiram ao queima-roupa que matou o homem. Três homens não fardados, mas armados, estavam em volta do homem, em seguida colocaram-no numa carrinha preta que um deles mesmo dirigia.

Naquela madrugada de segunda, a aurora raiava, o orvalho do capim lá na linha férrea molhava os sapatos e os pés daqueles que andavam descalços por aqueles caminhos estreitos.

Paulo, o homem das andanças que vagava de um lugar para outro e era conhecido como Ti Paulo, havia falecido. Alto e magro, tinha a pele escura fazia tempo que não cortava a barba e o cabelo. De longe, parecia que Ti Paulo possuía algum tipo de distúrbio mental. No entanto, ao se aproximar dele e ouvi-lo falar ou sorrir com seus lábios finos, era fácil ver seu contagiante charme.

Só usava duas calças, duas camisas e um casaco, embora as pessoas o oferecessem mais roupas, Paulo preferia aquelas suas calças e camisas, que pareciam ser muito especiais para si.

## ***O CONHECIMENTO QUE TEMOS DE OUTRAS PESSOAS***

As pessoas interrogavam-se umas as outras, o porquê daquela situação. Aquela trágica e misteriosa morte protagonizada pelos agentes dos serviços secretos pareceu cena de um filme. Não se esperava tal coisa de Ti Paulo, as pessoas não se surpreenderiam se este morresse de anorexia ou bulimia, ou mesmo até tuberculose, ou ainda atropelado; porém assassinado? Não!

Todos queriam saber o que havia por trás de tudo aquilo, poderia haver no recôndito daquela cena um passado muito interessante que quase ninguém sabia?

- *Só pode!* - afirmou o tio Avelino, enquanto estávamos em volta da lareira lembrando Ti Paulo.

O tio Avelino disse-nos que conhecera Ti Paulo quando chegamos aqui, nesse bairro das Latas, quando eu era ainda um bebê e a minha mãe tinha apenas dezanove anos de idade. O meu pai chamava-se Zé Pedrito, mas não o conheci, o tio disse-me que era alto e furo como eu, contou-me também que eu era muito parecido com ele, mas ele morrera na represa do rio Kalonga quando pescava com seu amigo, o tio Hino. Meu pai sabia nadar, mas morreu afogado. Estranho isso. Ultimamente ouvi a mãe e o tio a comentarem sobre os "cilunluns", demônios. Diziam que meu pai pescava no lugar errado e fora da hora, pois dizem que já era a noite e tinha sido levado pelos cilunluns do lago.

O tio, disse-nos ainda que já conhecera Ti Paulo daquele jeito.

As pessoas já o encontraram aqui nesse bairro, aquela sua aparência ainda jovial, mesmo com o cabelo e as barbas confundia as pessoas acerca da sua idade. Ninguém sabia sua verdadeira idade, até ele mesmo, talvez. Só falava que tinha muitos anos e sorria depois disso. Algumas pessoas conspiravam que Ti Paulo fora guerrilheiro no colono, na luta de libertação e guerrilheiro durante a guerra civil interna.

Mas nunca ninguém comprovava tal facto, lembro-me quando uma vez o questionamos, quando estava sentado conversando lá na praça, na barraca da tia Ana que vendia roupas e colchas. Ele respondera que tinha visto a guerra e muitas mortes, só isso e nada mais dizia.

Lá na praça, esgueirava-se de barraca em barraca, conversava maioritariamente com as senhoras, falava muito e ouvia muito, era muito estimado. Quando assistia no cine do tio Faustino ao filme da "*A Lágrima Do Sol*", Ti Paulito ao ver aquela cena de guerra e mortes, enxugou uma lágrima e deixou a sala de cinema, como se tivesse se identificado com alguma coisa que o deixara nostálgico naquela hora, ou talvez que tenha mexido com seu passado misterioso e sombrio, talvez.

Ti Paulo estava morto. E ninguém mais poderia arrancar a verdade sobre ele. Tinha morrido numa segunda muito cedo; todo mundo que julgava que o conhecia, naquele dia apercebeu-se que não o conheciam tão bem assim.

O homem que parecia ser amigo de todos, que estimava a todos parecia ter muitos segredos e muitos pendentos que o levariam mesmo até a morte.

Como consequência daquele ocorrido eu mergulhara em profundas reflexões, absorto como em estado de hipnose, pensava: *a quem conhecemos de verdade, afinal? Será que conhecer é entender ou vice-versa?* Nós não conhecemos ninguém e ninguém a nós, estava provado. Tudo o que sabemos sobre os outros é até certo ponto, o que eles deixam que saibamos sobre eles. A Ti Paulo, só o conhecíamos por sua simpatia e fácil socialização. Só sabíamos que trajava aquelas duas calças, uma jean já desgastadas e uma meio-social também já gasta com algumas roturas, mas todos com um design dos anos oitenta e noventa, pareciam muito antigas. Aquelas deveriam valer muito naquela época, seria por isso que não as trocava por nada? Enfim, não sabia como encontrar respostas as minhas indagações, então, adormeci.

## NGANGULA

Acordei com uma chinelada da mãe na minha bunda, já eram oito horas e eu ainda estava a dormir. Sábado era meu dia de regar as couves e tinha que fazê-lo muito cedo, perdi a noção do tempo, pois tinha me deitado muito tarde.

Dei um pulo da cama e peguei nos dois baldes que estavam na cozinha, um azul e outro preto, aqueles baldinhos eram bem antigos. O azul, seu plástico já aparecia aquelas marcas brancas que lhe davam a impressão da sua longevidade e das várias quedas, o preto era bem consistente e cheio de raspaduras, mas ainda conservava bem a água. Eram meus preferidos. Transportava a água naqueles recipientes e ia direito à horta que ficava junto da cacimba, eu gostava quando as cacimbas tinham muita água, pois poderia bater na água com o balde sem receio de suja-la, aquele som que saía após o balde cheio chocar com a água agradava-me a alma e eu fazia meu trabalho alegremente mesmo quando tinha mil motivos para chorar como o chinelo da mãe na minha bunda.

Quando chegou a noite, estamos como sempre voltados a lareira em forma de circo, o avô Pascoal também estava, tinha se recuperado do seu mal-estar, seus pés tinham desinflamado. Todos estávamos felizes porque sabíamos que o avô contaria suas façanhas de antigamente, as coisas que viu e viveu na guerra; o avô costumava sempre a nos contar que tinha sido preso pela Pide, e que se não fosse mesmo graças a um branco de nome Abelardo, quase o enviariam a Tarrafal, Cabo-Verde.

Naquele dia o avô soube que Ti Paulo tinha sido morto por pessoas desconhecidas sem quaisquer uniformes peculiar, civis no traje, excepto na cintura onde traziam a arma.

– *Afinal os agentes secretos não são como os tropas?* – Perguntei ao tio Avelino.

– *Não!* – Negou o tio. – *Os agentes agem nas sombras e não podem chamar atenção, protegem o camarada presidente e a integridade da nação, por isso andam despercebidos entre nós e recolhem informações.* – Explicou o tio Avelino. – *Eles são autorizados a dispararem a qualquer ameaça ao governo.*  
– Concluiu.

– *Então Ti Paulo ameaçava o governo?* – Voltei a perguntar.

O tio Avelino não sabia bem o que responder, podia vê-lo desprevenido sem saber o que falar.

– *Não sei!* – Respondeu com sinceridade.

O avô fez um gesto, tossiu e cuspiu atrás. Parecia que se preparava para dizer alguma coisa. E então começou:

– *Ngangula era o coronel do batalhão da região sul, no Kunene. Naquele tempo de guerra eu tinha sido ruscado pelas tropas das Faplas, lá o conheci.* – O avô começou então a contar. – *Ngangula era seu nome de guerra, só o conhecíamos por esse nome. Alto e musculoso o nosso chefe era rígido e frio, não se barbeava nem cortava o cabelo, seus olhos estavam sempre vermelhos e cheios de fúria, sempre andava com a sua AKM nas costas como quem leva uma viola. Lá na secção não falava com quase ninguém senão para dar ordens e instruções; havia relatos de que a guerra tinha ceifado seus pais, sua mulher e seus dois filhos de homem, desde então nunca mais sorria.*

*Andava com raiva do inimigo e os abatia em combate mesmo depois que estes se rendessem: Ngangula matava.*

– Ngangula sabia lidar com a guerra. – Continuou o avô: – *Entregava-se a ela como se entregam os ratos à armadilha. Ngangula não tinha nada a perder, destemido, o campo de combate era sua zona de conforto, saía das trincheiras e disparava sem temor ao inimigo. Alguns diziam que os tiros nele ricocheteavam, era tradição de guerra. Ngangula não lhe entrava nem um tiro, nem sequer outro objecto metálico com intenção de o matar. Ngangula era imortal. Nem se vacinava, as vacinas contra o maburgue tinham chegado, mas as agulhas não o perfuravam.*

*Cinco anos após a guerra, dizem que foi alvejado com uma arma de tradição. Ngangula pela primeira vez tinha sido trespassado por uma bala, sentira pela primeira vez o sabor da bala.*

*Mas o seu corpo nunca tinha sido encontrado, só o sangue e o chapéu é que enterramos. O camarada Ngangula tinha ido morrer bem longe, se é que morreria mesmo. Nunca mais o vi, até nos mudarmos por aqui no bairro Latas.*

– Concluiu o avô Pascoal depois da sua longa narrativa empolgante.

## A CURIOSIDADE DE UM MENINO

O avô não acabara de nos contar aquela história, deixara-nos curioso quando dizia que nunca mais tinha visto o camarada Ngangula, até mudar-se aqui no nosso bairro.

– *Quem era o camarada Ngangula, afinal avô?* – Perguntei desesperadamente ao avô. Mas o avô disse-me que só nos contaria no dia seguinte, já estava muito tarde, era mesmo hora de ir dormir.

No domingo acordei muito cedo, quase que não dormi nada. Só queria saber quem era o camarada imortal Ngangula, não sabia porquê me interessava tanto. O avô uma vez disse-me que eu seria um historiador, mas eu dizia-lhe não, que eu seria um investigador. O avô falava-me que era mesma coisa, que não existia nuances nas duas profissões, um investigador é um historiador, que desenterra alfarrábios de um passado qualquer com interesse actual, o investigador analisa os factos e ouve os relatos e faz as suas deduções. É sem sombra de dúvidas é um historiador por natureza. Maravilhado e convencido pelas palavras do avô, respondia-o que seria as duas coisas ao mesmo tempo, talvez a palavra investigador estivesse aglutinada a palavra historiador, pensei.

– *Mãe, mãe...!* – Bradei enquanto segurava meu prato nas mãos. – *E o avô?* – Perguntei.

– *Já dormiu.* – Respondeu-me, enquanto acrescentava molho de carne no prato do Carlito, meu irmão.

– *O avô assim está mais doente?* – Tornei a perguntar.

– *Sim, o avô não se sente bem. Amanhã o tio Avelino vai lhe levar no posto das consultas.* – Disse a mãe enquanto fazia vários movimentos com as suas duas mãos, parecia um polvo com vários tentáculos, despejava água na panela onde cozinhara o funje para amolecer, enquanto a outra mão enfiava comida na boca da Bita e na sua, intervaladamente. Algo que só as mães sabem fazer.

O tio Avelino tinha acabado de chegar. A mãe lhe serviu nacos grandes de carne, o tio Avelino comia com um garfo mais pesado que os outros, ele falava que aqueles garfinhos se partem na hora de comer, não aguentariam a uma boa palapala, por isso preferia aquele garfo aos outros. Era só dele, ninguém mais enfiava aquele metal na boca senão o tio.

Triste e aborrecido, eu só queria mesmo que o avô ficasse bem logo e contasse aquela história do camarada Ngangula. Naquela noite orei para que Deus, desse mais saúde ao avô Pascoal, mas no dia seguinte o avô acordou ainda pior. Parecia que o avô fazia de propósito, só a avó Linda o curaria agora; mas avó Linda falecera no ano passado, quando pisara na mina tradicional. O avô Pascoal chorou muito, ele dizia que tinha superado a guerra, as balas, as granadas e as minas antitanque, as antipessoais, que não tinham morrido aos ataques de obuses; mas sua Lindinha agora morrera em tempo de paz por causa de uma mina tradicional; *“feiticeiros de merda”*, dizia o avô, *“levem-me também”*.

E nunca mais ficara bem desde aquela data.

Avó Linda, só amarrava panos e lenços. Escondia o cabelo grisalho que lhe caía aos poucos. A avó cantarolava sempre que cozinhava alguma coisa na lareira da cozinha. Lembro-me bem do gosto da kisangua que fazia, para mim só ela sabia fazer kisangua.

A avó morreu minada e eu nunca mais bebi uma kisangua de verdade, a mãe perdeu a mãe, o tio também, eu perdi minha avó e o avô perdeu sua mulher, maldita mina tradicional, agora o avô também se recusava a viver.

## *AS COISAS MELHORAM ANTES DE PIORAREM*

A manhã de segunda estava muito fria, era junho. O vento assoprava, as pessoas que madrugavam e passavam pela rua que dá acesso a praça estavam todas agasalhadas, as senhoras iam fazer já a limpeza habitual da praça, passavam com suas vassouras e baldes, algumas até com os bebês nas costas.

Tio Avelino tinha madrugado para levar o avô no posto, eu quis ir também, mas o tio não aceitou. O tio segurava a mão esquerda do avô para o apoiar mesmo que ele já tivesse a sua bengala na mão direita; ele estava fraquinho, quase não comia nada. A mãe o obrigava a comer, mas ele se recusava; só aceitava mesmo quando era o Carlito que insistentemente colocava o pirão na sua boca, o avô não resistia.

Já passava muito tempo que o tio Avelino e o avô se foram ao posto, a mãe andava de um lado ao outro com a Bita nas costas, esperava desesperadamente o tio e o avô que não regressavam do posto. A mãe mandou-me lá para averiguar a situação. Sem sequer vestir a camisa, agarrei meu arco de jante de bicicleta, corri em direcção ao posto a corpo-ferro. Encontrei o tio sentado na varanda do posto, tronco inclinado e a cabeça apoiada na palma da mão esquerda, o seu chapéu preto repousava no seu joelho direito.

- *O avô internou.* - Disse o tio antes mesmo de eu dizer alguma coisa. - Vai chamar a mãe, rápido. O avô precisa de sangue, tornou a dizer.

Assaltado pelo medo, dei meia volta e corria em direção a casa, mas não no mesmo ritmo, agora os pés pesavam-me, nas costas sentia o peso do mundo, não conseguia correr bem, ziguezagueava de vez em quando, quase cai, quando meu arco tropeçou na raiz da árvore de figueira no pátio da avó Suzana. A mãe já ia me acompanhar ao posto, quando nos encontramos no caminho.

– *O avô só quer sangue, o tio Avelino disse que por isso internou.* – Expliquei todo ofegante.

– *Meu Deus!* – Exclamou a mãe. – *Sou a única que tem o sangue dele, preciso ir, mas, você volta para casa, o Carlito ficou sozinho.*

A mãe andou às pressas até ao posto. O enfermeiro explicou a ela que precisava repartir uns bocados do seu sangue com o avô. A mãe concordou acenando com a cabeça, entregava o sangue deixando-o passar num tubinho plástico para fazê-lo chegar ao avô.

À tardinha a mãe voltou, mas o tio tinha ficado no posto com o avô.

– *O avô acordou.* – Informou a mãe com um sorriso insólito. – *O sangue lhe fez bem, lava as panelas que eu preciso cozinhar. O avô tem fome.*

Enquanto eu lavava, Carlito passava na água limpa e a mãe limpava o cesto. Quando terminamos, a mãe cozinhou pirão de palapala com couves, deixou nossa parte e levou no cesto a comida do avô e do tio Avelino. Quando saiu pela porta, a mãe disse-nos para fechar a mesma e que no dia seguinte voltaríamos a ver o avô em casa.

Mais tarde o tio voltou em casa para dormir connosco, a mãe tinha ficado com o avô. Quando o tio chegou, ficamos felizes e sem medo.

– *O avô já está melhor, até comeu.* – Disse-nos o tio Avelino.

Fiquei muito feliz. Finalmente o avô voltaria para casa e contar-nos-ia o final daquela história misteriosa do Coronel Ngangula. O avô disse que o tinha visto aqui, mas não dissera quem era, mas logo saberíamos, pois, o avô já estava melhor. Estendemos a esteira na sala e quase que conversamos a noite toda com o tio, até adormecermos despercebidamente.

De manhã quando acordei, o tio Avelino já não estava na esteira. Assustei e acordei Carlito.

– *O tio já foi.* – Informei ainda cambaleando por causa do sono.

Ainda aos bocejos, Carlito demorou alguns instantes na esteira. Eu dormi com os calções, então fui sem camisa em direção a porta que já estava entreaberta e espreitei.

Vi o quintal limpo e asseado, duas senhoras com enormes vassouras embelezavam nosso pequeno pátio. Aos poucos fui abrindo a porta e espreitando noutro lado, vi outras duas senhoras na lareira equilibrando uma panela grande.

Tornei a encostar a porta e contei ao Carlito, que me seguiu para confirmar o que estava acontecendo lá fora. Abrimos a porta e saímos. Uma senhora gorda e fula, que trajava panos e lenço na cabeça informou às outras: "*já acordaram.*"

Atônitos meu irmão e eu não fazíamos ideia do que se estava passar, Carlito muito mais assustado perguntou-me onde estava o tio. Respondi que tinha ido ao posto buscar a mãe e o avô. A senhora chegou bem perto e pediu-nos que fôssemos com ela até a sua casa, mas sem ainda lhe respondermos, fitamos no umbral do nosso quintalzinho de espinhos e sisal, o vulto da nossa mãe, pálida e irreconhecível, a mãe veio a chorar e no seu choro cantava o nome do avô. O avô que já se sentira bem ontem e comia, morreu.

A mãe inconsolável nos abraçou, chorando ela disse-nos que o avô era um aldrabão, só tinha fingido estar bom; mas a noite ele aproveitou-se dela e fez uma viagem sem retorno, partiu sem dizer adeus, o avô não respirava mais. O avô Pascoal morreu.

## **OS HOMENS NÃO CHORAM COMO AS MULHERES**

Afinal era o contrário, aquela máxima que dizia que "*as coisas antes de melhorarem, pioravam*", o avô primeiro piorou, melhorou, mas depois piorou de vez. Morreu. Talvez, a máxima estivesse incompleta, pelo menos na vida do avô e nas nossas, o pior chegou no instante que ninguém mais esperava.

O óbito estava a decorrer em casa, tal como no ano passado quando falecera avô Linda. Todos choravam, menos o tio Avelino. O tio nunca chorava com lágrimas, jogava cartas com os outros tios, quando tinham acabado de fazer o caixão de madeira. Mas também não sorria, os outros davam gargalhadas, mas ele não. Quando o vi daquele jeito, lembrei-me quando ele me disse que o homem não pode chorar como as mulheres. Afinal era por isso que ele não chorava, era homem.

Já levavam o corpo ao enterro, os homens carregavam o caixão. As mulheres seguiam cantando canções carpideiras, a mãe ainda inconsolável andava junto do caixão, o tio lhe segurava nas mãos. Marchavam em caravana vagarosamente. Eu e Carlito tínhamos ficado: as crianças não vão ao funeral era assim que a mãe dizia e era assim na nossa terra.

A noite algumas pessoas ainda dormiam lá fora, mas outras já tinham ido embora; ninguém mais chorava depois do enterro, a mãe só soluçava. O tio Avelino entrara na casota do avô, acompanhei-o. Ele não me viu chegar, não fiz barulho. O tio estava sentado na cama do avô, ouvi-o a chorar, mas a escuridão do quarto não me permitiu ver

seu rosto pranteado. Afinal o tio chorava, só não chorava como as mulheres lá fora. O tio chorava no escuro, sozinho. Ser homem era não mostrar fraqueza, era isso que o tio fizera, escondera seu momento de fraqueza.

No dia seguinte as pessoas já tinham ido embora, tínhamos ficados só nós lá na lareira. Ninguém conversava, ninguém contava histórias. O tio só se aquecia do frio, não falava nada, nem a mãe. Estava um silêncio de cemitério. Até o tio corta-lo.

- *Ti Paulo.* - Começava por dizer o tio. - *Afinal era mesmo guerrilheiro de patente alta, comentou.*

- *Como assim, tio?* - Perguntei curioso, afastando mais para frente meu banquinho de pele de boi.

- *Era um fugitivo de guerra, bom, é o que dizem.* - Explicou. - *Exímio matador, era monstruoso em combate.*

Tio Avelino nos contava o que ouvira na praça, os boatos sobre Ti Paulo. Contou-nos que ele tinha sido morto na guerra civil, mas nunca tinham encontrado seu corpo para o enterrar. Diziam que ele sabia os segredos do governo, por isso que o procuravam mesmo após ser baleado, alguns diziam que nem era o inimigo que o baleou, era ele mesmo que tinha disparado contra si, queria morrer após o que descobrira. Mas não morreu, por isso fugiu e nunca mais foi visto.

Quando o tio nos contava tudo isso parecia que o avô tinha ressuscitado nele, a história do Ti Paulo parecia ser a mesma de Ngangula. Os dois personagens pareciam ter uma ligação forte, embora fossem opostos no tempo.

Será que era ele o Ngangula que o avô falara que vira aqui no bairro das Latas? O que é que ele sabia sobre o governo para o matarem?

*- Era ele mesmo. - Disse o tio como se lesse meu pensamento. - O avô contou-me lá no posto, disse que o tinha reconhecido, não tinha mudado coisa nenhuma, só estava mais magro. O camarada Ngangula camuflava-se no vulto de Ti Paulo, por isso o mataram. Já o suspeitavam a algum tempo, tinham descoberto onde dormia e confirmaram a sua identidade quando encontraram seu documento militar no tugúrio onde ele morava. Esse tempo todo era escoltado pelos agentes secretos. - Contou o tio.*

Eu que não queria perdoar o avô por não me ter revelado quem era Ngangula, acabei por conceder-lhe o perdão no meio da narrativa do tio Avelino. Agora, talvez, o avô estivesse já a subir aos céus.

O avô sabia bem o que fazia, tinha muitos truques, não queria morrer sem contar-me o fim daquela história. Agora sabia quem era ti Paulo e Ngangula, eram uma só pessoa.

# CAPÍTULO - II

---

“Afinal, em meio da vida sempre se faz as seguintes contas: temos mais  
ontens ou mais amanhã?”

**Mia Couto**

---

## OS MORTOS TÊM PODER

---

Às vezes fico ali sentado no pequeno rodapé da casa distraído. Penso nas coisas com o olhar perdido na horta, penso como seria nossa vida se meu pai não morresse. Talvez, ele me levaria para escola, já que dizem que ele pelo menos estudara até a quarta classe, a mãe contou-me que o pai gostava de ler histórias, por isso andava com o Novo Testamento nos bolsos, ele lia-o sempre que terminasse de fazer algum trabalho, ou mesmo lá no rio, quando minava o anzol. Encantava-se com as histórias bíblicas, porque só tinha aquele livro que recebera de oferta do pastor Enoque; meu pai nunca tinha lido mais história alguma que não fosse do Novo Testamento.

Eu queria ir à escola aprender as ciências. Sabia grafar meu nome completo, o tio me ensinara a escrever e a ler. Mas mesmo assim queria ir à escola estudar e ser investigador. Se pelo menos as escolas chegassem para todos!! Eu e Carlitos a essa hora estaríamos debaixo da figueira ou duma outra árvore olhando num quadro preto. Mas as escolas ainda não chegam para todos, por isso ainda não fomos para lá e os colégios cobram mais do que a minha mãe pode pagar.

Quando chegou da praça, a mãe sentou-se na cadeira de madeira com o tio, a mãe parecia triste e assombrada.

– *Ontem vinha mais, Avelino.* — Disse a mãe ao tio.

– *E o quê que disse desta vez?* — Perguntou o tio supersticioso.

A mãe calou por um momento para tirar a Bita das costas e prosseguiu: – *Disse que quer me levar, já preparou tudo.*

– *Sacana...!* – Trovejou o tio. – *São os demônios que estão a lhe usar.*

– *Vai nos levar um de cada vez, foi o que ele disse.* – Contou a mãe quase aos soluços.

– *Vamos nas orações mana. Está tudo acorrentado!* – Disse o tio – *Esse Beto não tem mesmo pena de ti?!*

Lá em casa costumávamos a acreditar nos mortos-vivo. Não era a primeira vez que meu pai visitava minha mãe, o pai vinha sempre uma vez em cada mês, às vezes a mãe ralhava-o, mas eu não conseguia vê-lo, fitava apenas a mãe falando no vazio como uma louca. Às vezes, parava de falar como se estivesse a escuta-lo, eu espreitava no buraquinho da cortina.

A primeira vez que meu pai voltou foi uma semana após sua morte, o pai vinha se desculpar para a mãe, disse que estava bem só o buraco da tumba é que era demasiado fundo, reclamou o pai à mãe, também disse que quem o levou era seu conhecido; quando voltou pela segunda vez, os dois brigaram feio, porque a mãe engravidara de outro homem, o pai voltou dos mortos e amaldiçoou a mãe por isso, disse-lhe que levaria o bebê consigo e a mãe nunca chegou a tê-lo nos braços. Eu era único filho do meu pai com a mãe, Carlito e Bitá vieram depois de mim, têm um só pai, mas é alcoólatra, a mãe o deixou e jurou nunca se casar nunca mais.

Meu pai agora vinha para nos buscar, queria que fôssemos com ele lá no submundo, sua nova casa. Parece que ele nos vê e sabe o que passamos, meu pai sempre acompanha os meus passos, às vezes consigo senti-lo proteger-me dos males, meu pai é um fantasma do bem. Ainda me lembro quando a mãe me encheu de porrada e não me deu comida, dia seguinte a mãe pousou um cacho de bananas maduras na mesa e disse que meu pai trouxera para mim a meia-noite e disse a mãe para nunca mais me fazer passar fome por nada nem mesmo quando eu não levasse os pratos.

— *A mãe também vai morrer?* — Perguntei preocupado.

— *Já não sei se ainda vivo, Nando.* — Respondeu adulteradamente a mãe como se não tivesse medo da morte.

Tio Avelino já tinha ido embora. Não ficou para jantar, parecia que o novo sonho da mãe o entristecera muito.

— *Mãe não aceita, não vai.* — Sugeri com medo de a perder.

— *Não tem outro jeito filho, os mortos têm poder de levar quem lhes fez mal. E eu traí teu pai é por isso que ele vem me buscar.* — Disse a mãe com a voz trêmula.

Meu peito acelerava, as lágrimas deslizavam até o peito. Estava com medo, pensando em quem deveria nos cuidar, caso a mãe morresse. Eu amava meu pai mesmo sem o ter conhecido, sabia que ele não tinha morrido de propósito nem tampouco dado maltratos a mãe, mas não o amava tanto quanto a mãe e o tio Avelino, ou o Avô Pascoal e avó Linda. Talvez porque eu os conheci e não os trocava por nada. Eu não queria que meu pai levasse a mãe.

## PRIMEIRA VISÃO

Depois daqueles dias turbulentos, as coisas tinham caído na sua rotina. A mãe voltou à praça e o tio também. E como sempre eu ficava em casa com Carlito olhando a pequena barraca em frente do caminho onde estendíamos um saco e por cima deste enfileirávamos as bolachas que vendíamos. As bolachas na barraquinha se auto-publicitavam, podia-se ler na caixa e no seu pacote a escrita: "*Guloso! Dá mais força!*", só de ler as pessoas criavam o desejo de experimentar e logo pagavam os vinte cinco kwanzas para um pacote.

Tinha também aquela gente do mato, que vivia bem longe da vila, lá onde é quase impossível encontrar bolachas, eles compravam muitas e tinham o costuma de balançar os pacotinhos, diziam que alguns simplesmente traziam mais bolachas que os outros, por isso levam eternidades para escolherem.

Meu tio vendia pilhas de lanternas, rádios e cadeados. Tinha um solar que usava para fazer tocar o rádio lá na praça e em casa. A mãe vendia tomates e couves, às vezes vendia também cana-de-açúcar, quando estas estivessem prontas lá nas hortas do rio onde costumavam comprar.

Naquele dia, quinta-feira eu já suspeitava que o tio tinha uma boa notícia só pela forma como andava. Ele gostava muito de ser responsável por nós, por isso nos cuidava com muito carinho, quando vendia muito nos oferecia duzentos cada, quando não tinha, às vezes só entregava cinquenta ao Carlito.

– *O Nando está aonde?* – Perguntou por mim.

— *Está mesmo aí no quarto deles.* — Respondeu a mãe, enquanto eu surgia as presas na sala.

— *Afinal estavas mesmo aí!?* — Exclamou o tio ao ver-me parado e encostado na parede.

— *Amanhã vamos nas artes e ofícios, os cursos já chegaram. Te matriculei no curso de costureiro.* — Explicou o tio.

Entusiasmado nem sabia o que dizer, pela primeira vez eu iria numa escola. Eu estava feliz, o tio era como se fosse meu pai, ajudava-nos em tudo.

— *Amanhã vamos para te apresentar nos professores.* — Sublinhou o tio.

Carlito não sabia nada do que o tio estava a dizer, mas não parava de me perguntar: — *"o mano vai trabalhar já?"* — Sem saber o que lhe podia responder, só dizia que iria aprender a remendar panos.

Naquela noite, o pai também me assombrou pela primeira vez, era ele mesmo porque, até me chamara de filho, não conseguia fita-lo o rosto só no resto do corpo, mas lhe conseguia ouvir a voz: — *"filho, eu ouvi tua conversa com a mãe, mas eu preciso levá-la comigo. Faz tempo que estou aqui sozinho. Agora já és um homem, já contas catorze anos. Cuida dos seus irmãos, o tio também estará com vocês."*

Disse-me o pai. Enquanto seu vulto falava para mim, eu esforçava-me a todo custo para lhe ver o rosto, mas o clarão era muito forte. Apercebendo-se que lhe queria ver a identidade o pai disse: — *"não tens lembranças minhas, te segurei no colo algumas vezes, filho; mas eras um bebê não te lembras, você não me viu e nunca poderás me ver enquanto eu estiver aqui do outro lado."* Antes mesmo de ir-se embora, aconselhou-me a se aplicar no curso e foi-se.

## NANDO, O REMENDEIRO

O relógio da parede da sala em que eu estava marcava oito horas e dez minutos, eu estava na minha primeira seção do curso de costureiro. A sala estava repleta de aprendizes como eu, meninos e meninas, tinha até muitos adultos. Em frente, se movendo de um lado ao outro, às vezes passando de corredor em corredor estava o professor costureiro Rafael, homem alto e escuro. Trajava roupa de panos e calçava sandálias feitas de pneu, o professor era tão original que tudo em si lhe denunciava a profissão. A bainha das calças tinha um feitiço peculiar e os vincos denunciavam que ele mesmo tinha passado as suas roupas a ferro e que tinha sido ele mesmo que fizera aquelas roupas para ele. Uma máquina de costura estava a nossa frente, preta e antiga, ainda exibia sua marca na face posterior, podia-se ler "*Singer*".

O professor tinha-nos dito que era sua máquina pessoal e herdara do seu avô. Eu não parava de olhar aquela roda em forma de roldana e o pedal, sempre me fascinara quando olhava os costureiros da praça fazendo o movimento dos pés para fazer subir e descer a agulha. Ansiosos para nos sentarmos na máquina, ficamos espantados, quando de fila em fila o professor distribuía linhas e agulhas e alguns tecidos. Após isso, ele explicou-nos que se deve primeiro aprender a remendar manualmente com agulha e só depois com a máquina. Enquanto distribuía, explicava:

— *A agulha só veio a ser inventada no século XIV, porém a necessidade do homem proteger-se do frio do inverno fez com que ele arranjasse maneiras de se cobrir.* — Fez uma pausa para retirar um rolo preso no plástico da embalagem nas suas mãos e prosseguiu dando passos vagos entre os corredores que formavam as filas da turma. — *O homem servia-se de pele de animais para cobrir-se e ele usava ossos de animais e marfim para costurar. Portanto, foi da necessidade de se aquecer que começou a profissão de costureiro e a máquina de costura só viria a surgir pela primeira vez nas mãos de um homem chamado Thomas Saint em 1790, em Londres.*

Depois da longa exposição posicionou-se em nossa frente, nós o fitávamos e ele a nós, lendo nossa ansiedade de se sentar na máquina, brincou dizendo:

— *A máquina será nosso último assunto a abordar. Ainda falta muito para executarmos o trabalho com a máquina.* — Tendo dito isso, desatou um sorriso meio malicioso.

Quando cheguei em casa, a mãe também já tinha regressado da praça, esquetejava as couves do jantar na baciazinha azul de plástico. Bitá se esgueirava no espaço do pátio com seu pedaço de pão todo coberto de areia. O Carlito estava sentado ao lado da mãe, comia seu pão com óleo com muito gosto, até cantarolava enquanto mastigava como fazem as crianças. Empolgado, queria muito que eu encontrasse o tio para lhe contar as novidades da primeira aula, afinal eu tinha ganhado meu primeiro rolo de linha e uma agulha, eu tinha aprendido a fazer alguns contornos com agulha.

Mas enquanto o tio Avelino não aparecia, eu me pus a revelar como tinha sido meu dia nas artes e ofícios.

– *Éeeh...!* – Exclamou feliz a mãe, quando mostrei o rolo de linha e a agulha. – *Que bom, meu filho. Amanhã vou-te deixar os meus panos e vestidos rotos para os coseres, há muito que precisam ser remendados, já não confio mais nos remendeiros da praça.*

– *Mãe, eu ainda não sou remendeiro de verdade.* – Rebatí envergonhado. – *Eu nem sei coser bem ainda.*

– *Você é meu filho. Afinal as minhas roupas estavam mesmo só aí a tua espera.* – Riu após dizer isso.

– *De que roupas estão a falar?* – Inquiriu o tio Avelino no momento que apareceu no vestíbulo sem sequer o termo visto chegar.

– *São as minhas roupas que o Nando se recusa remendar.* – Respondeu-lhe a mãe num tom irônico.

O tio deu uma risada.

– *Óh, Nando! Tu tens medo de lhes acrescentar a rotura?* – Riu de novo ao fazer a piada nada engraçada para mim.

– *Não é nada disso tio.* – Tornei a defender-me já um pouco zangado. – *Eu só falei a mãe que ainda não era tão bom em coser.*

– *Ah, sim! Então ensaia mesmo nas roupas da tua mãe.* – Brincou o tio e deu mais uma risada.

Insólito, parecia que o tio Avelino estava mesmo feliz, nunca o vira a dar muitas risadas seguidas. Conservava-se sempre calado na hora dos risos, não era de rir muito nem de chorar.

Mas parecia que o tinha deixado feliz com a minha felicidade, ficou fascinado por eu ter gostado do curso. Afinal, a minha felicidade era a dele, descobri.

Na manhã seguinte, a mãe acordou doente, não se levantara para varrer o pátio e ir à praça, descansava no leito da cama toda desfalecida, mas podia-se sentir a pulsação fraca no pescoço, quando lhe examinei com os dois dedos, aprendera essa técnica com o avô Pascoal quando ainda era como Carlito, o avô tinha levado meus dedos, o médio e o indicador juntos ao lado do seu pescoço e disse-me consegues sentir, eu acenava com a cabeça dizendo que sim, então ele dizia assim:

– *É porque ainda estou vivo, Nando.* – Agora eu sentia aquele pulsar na mãe, ela ainda estava viva, Bitá chorava vagamente na tentativa de lhe encontrar a Xuxa e mamar, mas não conseguia desata-la do sutiã.

Mandei o Carlito chamar o tio, enquanto eu com a Bitá no colo fui buscar ajuda na vizinha Bela, que a reanimou com um pano molhado pousando-lhe na testa que estava muito quente. Quando o tio chegou, a mãe já estava acordada, comia a papa que a vizinha Bela cozinhou para lhe amenizar as fraquezas.

– *Já estou bem Avelino.* – Disse a mãe que estava sentada na cama, apoiando as costas na madeira das cabeceiras, quando o tio sugeriu que fossem ao posto.

– *Mesmo assim iremos.* – Insistiu o tio.

A mãe se convenceu porque sabia que o tio não desistiria. Já recuperada vestiu-se e foram ao posto com tio e eu fui ao curso.

## A VOZ DO RIO

Quando voltei do curso de artes e ofícios, a mãe e o tio já tinham regressado do hospital, estavam sentados no rodapé da nossa casa. A Bita engatinhava bem perto das pernas do tio Avelino. No fogareiro repousava aquela panelinha por onde a mãe fazia os temperos, sentia já o cheiro do feijão ao longe. Estiva faminto e ansioso por chegar a casa para saber se a mãe e o tio já tinham regressado.

– *Jú, devem ser os demônios mesmo, se não te acusou nada.* –  
Comentou o tio com ar preocupado a mãe.

– *Eu já nem sei o que pensar, Avelino. Nunca em toda minha vida desmaiei.* – Comentou a mãe que estava sentada com o tronco inclinado e a face apoiada na palma da mão.

– *Não pode, deve ser a sombra do Zé Pedro, é ele que quer te levar.*  
– Trovejou o tio.

Eu chegara faz um tempo, mas eles não tinham sequer notado, parado no umbral da porta ouvia-os com muita atenção.

– *O Zé quer fazer as vinganças, mano.* – Retorqui a mãe ao tio.

– *Mas você não o matou, que vingue-se com o rio ou com seu amigo que não conseguiu salvá-lo.* – Tornou a dizer o tio enfatizando com muitos gestos para que a mãe lhe compreendesse bem.

– *Zé Pedro morreu por obrigação, os tchilunlus o levaram sem seu consentimento, pelo menos deveriam tê-lo visitado no sonho como fazem.* –  
Observou a mãe.

– *É, eu sei Julieta! Ninguém se deixa morrer, mas os mortos nunca jamais deveriam chatear os vivos.* – Explicou o tio nada satisfeito com aquela situação.

– *Ah, afinal já chegaste, Nando!?* – Disse a mãe ao erguer a cabeça.

– *Sim, mãe. Mas assim a mãe vai mesmo morrer?* – Inquiri, triste.

– *Ainda não se sabe ao certo, filho.* – A mãe sorriu ao dizer isso.

– *Mas se for a vontade de Deus, eu vou; mas talvez seja a vontade do teu pai, ou vontade dos dois, no fim sempre terei de morrer.* – Expôs para mim sombriamente, uma verdade da existência humana.

Calado, fiquei sem mais saber o que perguntar. Olhei o tio que estava zangado, do outro lado fitei a Bita que engatinhava toda babada.

– *O pai também vinha no meu sonho.* – As palavras escaparam da minha boca.

– *Ahm!?* *Esse filho da puta!* – Trovejou novamente o tio cheio de raiva.

– *Meu Deus, o que foi que ele te disse?* – Perguntou a mãe.

– *Nada de me levar.* – Respondi como se lhes tivesse lido o pensamento.

Os dois deram um suspiro de alívio ao mesmo tempo.

– *Mas mesmo assim isso está demais.* – Começou por dizer o tio Avelino. – *Se não irmos à igreja, então melhor irmos na embala, vamos adivinhar e desfazer-se dessa macumba dos demônios* – completou.

– Não, Avelino. Já não vai adiantar. – Disse a mãe sem esperança. – *Esse feitiço não se desfaz, porque quem os fazia já não vive.*

– *Vamos só orar e esperar que morras?* – Questionou Irónico o tio.

– *É o melhor que temos a fazer.* – Concordou ironicamente a mãe. – *Outra vez, a mana Jamba disse-me que para que esse feitiço fosse desfeito eu tinha que ir no cemitério, me deitar com ele pelo menos uma vez. Eu já fizera isso duas vezes, a primeira foi quando estive grávida da falecida, o fantasma do Zé Pedro a asfixiou, por isso nasceu morta; aquele Zé Pedro me possuía mesmo no lado dos outros mortos, mas mesmo assim não me deixa em paz, a segunda vez foi quase violação, eu não queria, mas os mortos têm mais forças que o normal.* – Explicou a mãe toda empalidecida.

– *Olha, Julieta... Amanhã mesmo vou ir pedir as advinhas do velho Tchikoti, vais ficar bem.* – Concluiu o tio para amenizar a tensão.

Na sexta-feira o tio tinha ido de boleia na moto do seu amigo motoqueiro a embala do *Tchikoti*, para ir fazer as advinhas e desfazer a macumba que ceifava a mãe. Quando chegou no vestíbulo do quimbo, fez as tradições para que entrasse sem maldição. Uma latinha em forma de fogareiro ardia bem no umbral, o tio pousou o pé esquerdo no ar para que o fumo lhe entrasse pelo pé, repetiu o mesmo exercício com o outro pé, em seguida uma mulher que trajava roupas de pele, semidespida porque quase que o seu trajo não lhe cobria coisa alguma no corpo, lhe pus uma pinta preta na testa com o seu indicador cumprido como aquelas das mulheres hindu. Tendo passado pelo processo, entrou na cubata do feiticeiro e kimbanda *Tchikoti*.

– ... *Se for o caso, não posso desfazer a macumba.* – Explicou o Tchikoti.

Estava sentado numa esteira como um monge. Ao lado estava a mulher da recepção em pé, duas galinhas pretas estão tapadas numa baciazinha branca, no teto de capim haviam enfileirado chifres de boi e cabra-do-mato e mais algumas carcaças, uma parecia ser mesmo humana. O tio Avelino, destemido nem se assombrava, ficou até furioso com aquelas palavras do velho.

– *Mas porquê afinal?* – Questionou impaciente o tio que estava sentado noutra esteira e com os pés nus.

– *Foi o marido dela...* – Começava o velho a expor certas verdades sobre o Riu Kalonga. – *Quando morreu ele a levou, a última coisa que ele dissera nos últimos suspiros foi o nome da mulher. Aquele Zé Pedro é esperto, naquela noite não morreu sozinho, levou também a sua mulher, não será possível lhes dividir.* – Explicou o velho das advinhas.

– *Então já não se tem esperança?* – Inquiriu o tio sem mais saber o que fazer.

– *Ela já dorme na morte, só mais uns bocados, vai pedir logo que lhe levem ao enterro.* – Disse o Kimbanda. – *Esse é a voz que clama a morte pelo Riu.* – Concluiu o velho.

Quase aos prantos, o tio se despediu do velho, repetiu o mesmo ritual da entrada, quando saiu. Triste e empalidecido assobiou motoqueiro, ajeitou-se na mota e voltou para casa.

## A ÚLTIMA VISÃO

Tinha se passado duas semanas depois do insólito ocorrido a mãe. No posto nada lhe tinha sido diagnosticada, aos bocados estávamos mesmo a nos convencer de que era tudo obra dos demônios, como dissera o tio Avelino que, até ia no velho *Tchikoti* para desfazer o feitiço que matava a mãe. Mas a maldição não era culpa do pai, o rio em que morreu é que era assombrado, o pai só amava a mãe; não consegui morrer calado como carneiro, pois, afinal era preciso morrer silenciosamente naquele rio, as pessoas diziam que quem morresse lá e gritasse o nome de alguém enquanto morria, então aquele nome seria da próxima pessoa a morrer por lá também.

Zito Lomundo, jovem de grande estatura, filho da tia Donana, só apanhava peixes grandes, kimaias e bagres. Num entardecer enquanto pescava, esqueceu-se do tempo, seu dia estava sendo produtivo, ajuntava os peixes que apanhava num fiozinho e lhes perfurando na região da cabeça, os aquáticos eram amontoados em um cacho que crescia cada vez mais a cada pescadela. Alheado, os amigos já tinham se fartado e voltado para casa, mas Zito Lomundo hipnotizado só pescava sentado numa pedra enquanto escurecia, quando tinha se dado por conta, viu-se bem no meio do rio, a pedra tinha-o transportado da margem para água, assombrado largou o anzol e mergulhou no rio para voltar à margem, nadava como pescador mas não saía do lugar. Gritou por socorro, mas ninguém mais o podia ouvir. Eram os Tchilunlus que o armaram, Zito lutava, porém não conseguia se desfazer das águas.

Afundava aos poucos como um barco em naufrágio, sem energias, as últimas palavras foram: – "*mãe, vou morrer!..*", tendo proferido tais palavras, afundou-se de vez. O rio o engoliu e viria engolir também a tia Donana, sua mãe que era lavadeira da dona Xica Silveiro, dizem que se afogara enquanto enxaguava as cobertas da patroa, mas ao contrário do filho está tinha morrido silenciosamente. Mas só morreria mesmo porque o filho a denunciou nos tchilunlus do rio.

Eu regressava da escola dos ofícios muito feliz e realizado, tinha montado na Singer do professor, com ajuda da tesoura e o metro, ele instruíra-me a fazer uma camisa. Eu tinha feito minha primeira obra. Por isso vinha andando com passos apressados, a camisa de tecido que eu costurara, queria muito coubesse no Carlito.

Encontrei Carlito na entrada da barraca que tínhamos, vendendo. Sentado numa pedra, descalço, rabiscava com os dedos alguma coisa no chão. Parecia pálido, triste como um adulto. Isolado, seus amigos naquela hora estavam na escola aprendendo alguma coisa, coitadinho do meu irmão, a essa hora também estaria numa sala a escutar os dizeres do professor, ele já tem idade de estar na terceira classe.

– *Carlito, toma! Experimenta se te serve* – Disse depois que retirara da minha pasta a camisa que eu mesmo fizera.

Tinha lhe estendido as mãos. Quando ele fitou com os olhos o que estava nas minhas mãos, ficou maravilhado recebeu, mas depois notei outra tristeza no seu rosto.

– *Custou quanto?* – Inquiriu-me depois de uma longa pausa.

– *Eu mesmo fiz* – Respondi sorrindo.

O rosto do Carlito tinha mudado de aspecto depois que ouviu que eu mesmo tinha feito a camisa. Seu rosto tinha ficado mais vivo e alegre.

– *Não consigo aceitar que sejas tu que a fizeste, isto parece ser da fábrica* – Comentou, mas desta vez quase escapava dele um sorriso.

– *Eu a fiz com ajuda do professor. Ele me deu a sua máquina e um bocado de tecido, fazia parte da aula* – Expliquei.

– *Então já aprendeste, mano?* – Perguntou com intusiasmo, correndo para dentro da casa para experimentar.

Num instantezinho, reapareceu com a roupa no corpo. Estava perfeita, lhe servia bem. Parecia até que lhe tinha tirado as medidas.

– *Te ficou muito bem.* – Dei meu parecer feliz com o feito.

– *Obrigado, mano!* – Carlito Agradeceu num tom melancólico e com voz entrecortado como se quisesse prantear.

À tardinha a mãe vinha da praça. A sua bacia na cabeça via-se ao longe aproximando mesmo sem lhe ver o rosto ainda, cantarolava qualquer coisa enquanto andava. Nas costas, a Bita brincava com seu chocalho de plástico que trazia apito.

– *A mãe veio!...* – Entoou a mãe como se estivesse a autoreceber-se, enquanto eu lhe recebia o saco que trazia nas mãos.

Retirou da cabeça a bacia e fez descer das costas a Bita que já fazia movimentos anseiosos para descer. A mãe não tinha olhado bem ao Carlito, só lhe notou mesmo quando nos dividia o bolinho que ela trouxera da praça.

– *Humm!..* – Exclamou a mãe

– *E essa camisa nova quem te deu?* – Perguntou ao Carlito já desconfiada, seu sorriso a denunciava.

– *O mano é que fez para mim no trabalho.* – Respondeu Carlito todo alegre.

Voltando-se para mim, os olhos da mãe me trespassaram de orgulho. Só me olhava como se não soubesse o que dizer com palavras, a mãe só me fitava.

– *Obrigada, Nando.* – Disse por fim. Minha mãe era gentil.

Sem saber o que lhe responder, permaneci calado e quase envergonhado.

O tio não tinha aparecido naquele dia, fazia tempo que não se ausentava. Sempre passava por cá, quando vinha da praça e depois voltava para jantar, estávamos acostumados com ele, mas ele não tinha vindo naquela noite. Queria muito lhe mostrar a camisa que eu fizera.

– *Mãe, hoje viste o tio?* – Perguntei.

– *Não! Hoje ele não foi vender, tinha me dito ontem que iria buscar mais negócio.* – Respondeu a mãe.

– *E não voltou?* – Tornei a perguntar.

– *Ele só volta amanhã bem cedo, essa hora devem mesmo estar a dormir ao ar-livre.* – Disse.

Fui a cama muito cedo. Pois o tio que nos habituou contando coisas do dia-dia já não estava. A mãe não conversava muito connosco sobre as coisas que ocorriam, ela só se fofocava com as outras tias da praça. Adormeci pensando em como estaria o tio.

Exausto de pensamentos, o sono que dormia era surdo e pesado como uma pedra. Abri a porta sonambulando e fui fazer xixi enquanto dormia; quando voltei a cama, meu pai estava lá me esperando. Como assim? Mas o pai não... Fui cortado pelo som de sua voz.

– *Filho...!*

Estranhamente não o conseguia responder com uma voz audível. A voz que me saía é aquela do interior bem minúscula. Será que estava inoquendo!?

– *Vi o que você é capaz de fazer com aquela máquina de costurar.* – Começou por dizer. – Confesso que fiquei assustado e maravilhado com aquilo.

– *Tu não sabes, porque nunca tive oportunidade de te dizer, mas verte sentado naquela máquina fez-me lembrar o meu pai, teu outro avô e chará.*

– Aquilo era estranho mas ao mesmo tempo emocionante para mim, parece que os mortos nos observam mesmo. Meu pai continuou:

– *Seu avô era um costureiro excelente nos fazia até as roupas interiores na sua Oliva, você não o conheceu porque morreu muito antes de nasceres; as pessoas vinham nele com panos e roupas rotas, meu pai lhe dava a solução lhes tirava as medidas e as apontava num velho caderno sem capa e lhes fazia a roupa que pretendiam. Quando morreu e vim com a minha mãe e a tua tia Nazaré do quimbo para cá, tínhamos levado a Oliva do papá, tínhamos herdado o ofício do meu pai, mas não fazíamos tão bem como ele; cinco anos depois morreu a mãe, tua avó. Eu ficara só com a Nazaré, ela costurava na velha máquina do pai e o dinheiro que recebia comprávamos comida.*

Vivemos assim, até quando ela se casou com um mulato que a levou à capital, ela mandava-me cartas, mas nunca fiz a correspondência e ela depois se aborrecera, nunca mais escrevera para mim. Eu tinha ficado com a máquina de costura, mas só me trazia lembranças, por pouco a vendi num velho costureiro da praça, se não fosse o Hino quase que jogaria para fora nossa única herança. Ele a guardou, prometeu-me entregar-te quando estivesse pronto, amanhã vá lá e busque a Oliva e remende as roturas da família.

Estava como em estado de abdução, meu pai parecia extraterrestre. Não conseguia mover-me, meu pai era o meu próprio apocalipse só me fazia revelações. Meu peito estava cheio de ar, a respiração não me saía bem, não sabia se sonhava ou se sonambulava, mas era tão real o que vivi. Meus olhos cerrados pareciam que fitavam alguma coisa por baixo das pálpebras, é lá onde tudo se desenrolava, eu via meu pai sem abrir os olhos.

— *Já não voltarei mais, filho...* — Disse depois da longa narrativa

— *Hoje* — prosseguiu: — *Foi nosso último encontro, desculpa-me por tudo... sobre a mãe, foi o rio que armou aquela cilada, quando morri só pensara nela, gritei-lhe o nome tão alto e o rio ouviu, escreveram-lhe o nome a vermelho de sangue, a mãe acompanhar-me-á aqui no rio, ela estará comigo, filho. Perdoa-me, mas é assim que é, enfeitiçaram o rio do povo, de dia os jacarés comem as pessoas e à tardinha são os tchilunlus que atraem os azarados, sinto muito.* — Desculpou-se e seu vulto se deteriorou como fumaça, como sempre não lhe vi o rosto.

Ainda dormindo sentia uma levezinha frescura na testa, como se estivesse mergulhado no rio. Ouvia vozes a chamarem meu nome, os olhos me pesavam e não desatavam, a voz tinha sumido. Não conseguia responder nem voltar à vida. Eu estava temporariamente morto, lutava para voltar e não conseguia. Então, lembrei-me do que a mãe falara uma vez, que sempre que não conseguir voltar do sono, deveria orar com a voz do fundo, ninguém a consegue calar. Orei e milagrosamente os olhos se abriram.

## A MAQUINA QUE PASSOU O TEMPO

Vi o rosto da mãe e do tio, estavam sentados na beira da cama, me reanimavam. Eu dormi demais, eu dormira o sono da morte. As lágrimas em mim brotavam involuntariamente, a mãe também chorava.

– *Já passou Nando. Você venceu os anjos das sombras.* – Disse o tio segurando as minhas mãos com força.

Acenei maquinalmente com a cabeça para dizer sim ao tio.

A mãe nos deixou no quarto e entrara na cozinha para preparar uma papinha de fuba de massango para mim, ela sabia que eu gostava e que precisava-me recompor. O tio Avelino estava de volta e isso ajudou-me muito. Queria muito ter que ir no centro de aprendizagem, nas artes e ofícios, mas nem a mãe nem o tio permitiam. Temiam que eu tivesse outra crise.

Não me sentia doente, para mim, eu estava bem, mas para o tio e a mãe eu tinha sido possuído pelos demônios. Acusavam de novo meu pai, mas eu sabia que ele só vinha se desculpar e me revelar coisas que ainda não sabia.

Eu precisava ir atrás do tio Hino, só o tinha visto duas vezes. Era forte, médio e escuro, deixava a barba crescer, quando andava coxeava o pé esquerdo. O tio tinha-me dito que ele não nascera assim, foi também conveniência das minas, mas não mais a tradicional, tinha sido mesmo um engenho explosivo antipessoal que tinha ficado por desminar lá no mato.

Quando ele pastava os bois do seu pai, a mina o arremessou, mas não o arrancou o pé, foi por pouco, pois quem a acionara era o boi, o macho do curral que acabou por morrer.

O tio Avelino tinha guardado a velha Oliva, relíquia da família do pai: *a máquina de coser*.

Eu poderia remendar, apagar as roturas da família, começar uma profissão que nunca na minha vida me passara pela cabeça. Antigamente eu só queria saber das coisas, sonhava ser um investigador, sempre perguntava os detalhes.

Quando o avô Pascoal nos contava suas façanhas do tempo da guerra, ele até dizia que eu gostava de ouvir histórias, por isso concluía que seria historiador, pois era a mesma coisa que ser um investigador. Mas agora me vejo no leito da cama pensando em como as coisas são imprevisíveis, no quanto era difícilimo tornar-se adulto.

Aquela máquina que o tio Hino guarda é a minha única saída. As linhas e as agulhas serão as coisas em que mais poderia tocar na vida. Minha mãe tinha os dias contados, só poderia contar com o tio Avelino. O Carlito é ainda miúdo, mas já entende das coisas, afinal tinha já noção de tudo, de vez em quando chorava sozinho no rodapé da casa.

A papa já estava pronta, sentado na cama eu comia com satisfação embora não tivesse muitos motivos para estar feliz; enquanto todos me cercavam e me olhavam se comia, ouviu-se um bater forte na porta. A mãe saiu às pressas e foi atender.

Um instante depois, ouvimos passos vindo na direcção do meu quarto, a mãe trazia alguém que queria ver-me. Então apareceu no umbral, passando pela cortina azul, outro vulto.

– *Saiu mesmo o pai dele.* – Comentou o homem sorrindo.

– *É mesmo a cópia dele.* – Retorquiu a mãe ao homem desatando um sorriso não muito real.

– *Lembras de mim?* – Perguntou o homem, voltando-se para mim.

Sinceramente não o reconhecia de lugar algum. Por isso respondi com a voz indecisa: – *Não!*

O homem olhou para mãe e depois no tio, sorriram e em seguida disse.

– *É com muita razão, era muito pequeno quando o deixei de ver.* – Começou por dizer. – *Sou o tio Hino.*

Quando ouvi este nome, quase que o coração me saía pela boca. Era ele, o homem que o pai me falara, como estava tão diferente! Não tinha mais os dois dentes frontais, estava muito magro e sem a barba. O tio Hino tinha envelhecido.

– *Ainda me lembro tio! Afinal é mesmo o tio...* – Respondi envergonhado.

– *Vim trazer-te a máquina.* – Continuou. – *Acredito que nunca tinham-te dito da existência dela, porque nem a tua mãe sabia sobre ela, tampouco o teu tio Avelino.* – Parou para fazer contacto com a mãe e o tio que estavam agora surpresos. – *É uma oliva bem antiga que pertenceu ao teu avô Fernando.* – Explicou.

A mãe e o tio não queriam acreditar no que ouviam. Mas eu sabia, meu pai tinha-me dito no sonho, eu soube tudo por ele. Meu pai tinha-me feito as revelações outrora.

— *Eu a guardei porque seu pai a quis vender bem baratinho. — Disse. — Eu o impedi e a guardei na minha casa. Às vezes ele costumava coser, remendava debaixo da árvore como fazia seu pai, mas ele aborrecia-se porque só lhe causava lembranças.*

A mãe maravilhada agradeceu quase aos prantos ao tio Hino. Que naquele instante arrastava para dentro a máquina já montada. O tio Avelino o ajudava a pousa-la no cantinho da sala.

— *Aqui tens a fita métrica Nando. —* Estendeu as mãos e a entregou para mim, uma fita que era do meu avô, da minha avó, do meu pai e da minha tia. Estava já desgastada e remendada.

Recebi a fita e segurei-a nas mãos. Quase mesmo sem saber como agradece-lo, eu deixava escapar involuntariamente alguns flocos de lágrimas. O tio Hino vinha mesmo ungir-me como o homem que falara a tia Felismina no estudo bíblico ungira um menino para se tornar rei. Jamais teria meios para possuir uma máquina só minha, eu até já tinha pensado ser o ajudante do mano Beto na pedreira. Mas agora eu poderei fazer meu próprio ofício aqui em casa.

O tio Hino despediu-se, a mãe e o tio Avelino o acompanharam até a saída. Carlito admirava a máquina e passava nela sua mão como se alisasse os pelos de um cãozinho, eu apenas o observava.

## ***TODO PERCURSO TEM UM FIM***

Após ter repousado, eu tinha me recuperado perfeitamente. De manhã, quando sai olhei no cantinho da sala a máquina de costura, fitei-a por um momento antes mesmo de ir à formação. Sai.

Pelo caminho, sentia meus passos firmes. Andava com um sorriso nos lábios e minhas feições denunciavam o estado em que me encontrava. Só pensava em chegar. Passava bem ao lado da pracinha, a escola número nove já estava à vista, os alunos uniformizados de batas brancas entoavam o hino nacional, logo no momento em que passava. Parei quando cheguei a direcção. Com a mão direita colada no peito, permaneci em sentido, até ouvir as últimas palavras do último refrão do hino: — *"um só povo, uma só nação."*

Quase me desfiz de imobilidade assim que ouvi estas últimas palavras, mas em seguida lembrei-me de um minuto de silêncio em memória aos heróis tombados, o avô Pascoal é que tinha me instruído sobre isso e a cantar o hino da república. Eu estava imóvel relembrando meu avô, minha avó Lindinha e meu pai, embora não tinham tombado na guerra, eles tinham vivido a guerra então eram os heróis da minha vida.

O curso estava mesmo no fim, o professor despedia-se a cada aula. Tínhamos aprendido a arte de costurar. Naquele dia de aula todos pareciam estar tristes, estava óbvio que todos queríamos que a formação não acabasse, porém tinha mesmo de acabar. Os formadores precisavam regressar de tão longe donde vinham.

– *Será hoje mesmo às catorze horas.* – Informava o professor. – *Os vossos diplomas já estão feitos, quando chegar a hora iremos todos ao centro de recreação na cerimônia de encerramento.* – Concluiu.

Na turma o ambiente estava agitado. Nossos estados emocionais estavam divididos como em dois polos, um lado triste pela despedida e outro feliz pelo término de mais um ciclo de formação. O professor já fazia parte da família, a sua forma peculiar de se vestir já nos habituara. A turma toda era uma família, as pessoas aqui me faziam sentir-se bem, eu tinha conhecido muita gente que se tornaram meus amigos.

O tio António que era a pessoa mais adulta da turma uma vez me solicitou uma ajuda, para que eu introduzisse a sua linha no buraco da agulha, eu era hábil nesse exercício. Passava a linha na boca, deixando-a molhada de cuspe, os seus fios ficavam unificados de modos que nenhum atrapalhava a passagem. O professor quando nos fitava, fazia piada e usava as palavras de Jesus na Bíblia, que dizia assim: – *"é mais fácil um camelo passar pelo buraco da agulha, que um rico entrar no reino dos céus."* Depois disso ria-se e voltava no seu lugar.

Quando chegou a hora, já estávamos sentados todos lá na espaçosa sala do clube recreativo. O cenário estava montado e nós e a plateia, estávamos todos expectantes. A actividade não começava. Parecia que aguardavam uma pessoa importante. O homem que apresentava parecia impaciente e ansioso, andava de um lado ao outro, batendo seus sapatos sociais preto que no choque com o azulejo emitiam aquele som como o daqueles sapatos altos das senhoras.

Entrava na sala um grupo de pessoas em fila, um homem gordo que usava terno, cujo botão do casaco parecia mesmo que iria rebentar-se, passava na frente, atrás seguiam duas senhoras, um homem alto e furo e mais um oficial da polícia. Quando entraram, as pessoas tinham todas se levantado em sinal de reverência. Aquelas entidades sentaram-se num lugar especial e finalmente iniciou a cerimônia.

O homem que estava na apresentação do evento, orientava para que todos formadores levassem lá para frente do palco uma amostra daquilo que os formandos aprenderam a fazer durante o curso, a turma de canto levantou-se e apresentou uma canção que eles mesmo tinham criado, linda composição. Em seguida fizeram pousar no palco uma mesa que tinha vários sapatos feitos de pneu e embelezados com cabedal de cinto, os formandos da sapataria tinham feito aquele trabalho magnífico; as entidades aplaudiam orgulhosos.

Em último, sob orientação do nosso professor e como já tivéramos ensaiado, quando chegou a nossa apresentação, a fizemos com um desfile.

Tínhamos feito roupas com tecidos de panos tipicamente africanos, os feitios eram peculiares, tinham criado uma coisa diferente. Cada um representava um traje de um ponto do país, eu tinha calhado com um traje muito comum no centro do país e o tio António, o adulto da sala tinha calhado com uma roupa de pano muito comum no sul do país.

No fim da actividade, o homem que a apresentava tinha dito que chegara a hora de recebermos os diplomas. As entidades importantes mobilizaram-se no palco, o homem gorducho, afinal era o camarada administrador, ele é que tinha chamado os formadores. Encostou a boca no microfone preso no tripé que estava um pouquinho mais acima de sua altura, bateu com o indicador para confirmar se funcionava e começou seu discurso, no qual mostrava gratidão aos formadores e muito orgulho pelo que os formandos tinham aprendido. O camarada administrador disse até alguma coisa que eu captara com bastante atenção:

*— ... A escola ainda não chega para todos, por isso demos esta oportunidade aos que não poderiam ir pala lá. O país ainda não se curou das chagas da guerra. Estamos todos feridos, mas aqui ainda é nossa casa, mataram a nossa mãe, somos todos órfãos, por isso é que só chamamos está nação de pátria. — Deu uns pausa e olhou para a plateia que o fitava atentamente e continuou: — a minha mãe tombou na guerra, o meu pai também. Minha mãe não tinha ofício próprio, era lavadeira. Mas meu pai trabalhava nos caminhos de ferro e ainda me lembro da primeira viagem que tínhamos feito juntos, mas também a guerra o ceifou. Sou tão órfão como todos vocês... Ninguém aqui é tão completo. — concluiu:*

*— Cada um carece de alguma coisa, cada um perdeu uma coisa que o torna vazio, assim é vida. Vocês que acabam de formar-se, lembrem-se sempre que o homem deixa de ser inútil quando aprende um ofício.*

*Portanto exerçam o vosso, façam-no com amor e a pensar nos vossos entes queridos que dependem ou dependerão muito de vocês.*

Terminado o discurso a plateia toda entrou em comoção. Era deveras um discursos tocante, o camarada administrador sabia mesmo como usar as palavras certas.

Em seguida o camarada administrador entregava o primeiro diploma ao formando mais novo. As pessoas da plateia que tinham parentes formandos aplaudiam fortemente, a seguir, o elenco do administrador entrou na dinâmica e entregavam os diplomas, chamavam pelo nome que estava escrito no papel espesso e este recebia no palco seu diploma. Quando chegou minha vez, recebi e momento que o exibia na plateia, fitei o tio Avelino no fundo da sala com o Carlito, os dois sorriam orgulhosos para mim e aplaudiam. Sem mais conseguir conter-se lacrimejei até aos soluços de emoção, ou talvez, porque queria que a mãe e o avô estivessem lá no fundo também me vendo. Naquele dia só não estavam os mortos, a minha mãe tinha ido à praça, mas parecia que tinha ido ao além. Parecia mesmo que já tinha se ido embora com o pai.

## NOSSOS DIAS NORMAIS

Já tinha se passado duas semanas do término do curso, o meu diploma de formado, o tio Avelino tinha guardado na velha pasta plástica onde ficavam todos os documentos da família. Aquela pasta tinha sido comprada pelo avô Pascoal, lá guardava os seus documentos de combatente. O avô falara que aqueles papéis eram a prova de tudo e que também poderia receber os subsídios como os outros combatentes de guerra, ele dissera-nos uma vez que muitos não tinham ido à guerra, escondiam-se fora do país, mas hoje são eles que recebem os dinheiros que custaram muito sangue. Aquela velha pasta estava agora com o tio, junto, algumas fotografias antigas.

Ao lado da nossa barraquinha onde vendíamos bolachas, eu montara a minha máquina de costurar. Carlito atendia na barraca e eu remendava algumas peças que as poucas pessoas me confiavam. Movia meu pé direito vagarosamente no pedal da Oliva e com as mãos endireitava o tecido na superfície. Eu tinha me convertido num verdadeiro costureiro, embora não tinha ainda muita confiança da vizinhança que preferia sempre ir à praça solicitar os serviços do tio Joaquim que era um exímio costureiro.

À tardinha quando a mãe voltava trazia sempre trapos que saíam do fardo da tia Ana e da tia Avelina.

— *Trouxe-te mais trapos para lhes tirar o fecho.* — Informou a mãe enquanto desamarrava a trouxa de trapos.

– *Obrigado, mãe. Agora já poderei entregar o vestido da mana São, só lhe faltava mesmo o fecho.* – Agradei.

A mãe entrou no quarto, ficou por lá alguns instantes. A Bitá que já dava alguns passos, seguia-a, mas não conseguia desfazer-se da barreira da cortina, gritou aos prantos, Carlito a ajudou a passar pela cortina. Entrou e tinham permanecido ali as duas em silêncio, mas a Bitá de tão barulhenta que é eu já desconfiava mesmo que tinha a mama na boca e mãe parecia meio triste.

Quando o tio Avelino chegou também a comida estava pronta. A mãe tinha saído do seu casulo e servia-nos.

– *Amanhã temos de ir ocupar as barracas na nova praça.* – Disse o tio enquanto cortava o pirão da tigela para o seu prato.

– *Afinal é mesmo verdade, tio. A praça vai mesmo ser mudada?* – Perguntei triste e confuso, pois tínhamos já nos habituado com a praça aqui próximo.

– *É sim, Nando. Vão partir todas as barracas.* – Assentiu o tio.

– *Eu nem irei no dia da demolição, mano. Vão sair muitas cobras das barracas de algumas pessoas.* – Falava a mãe no seu habitual modo supersticioso. – Ainda te lembras, mano Avelino? Quando a praça que era na estação se mudou para cá? Algumas senhoras ficaram mesmo malucas, os gatos pretos saíam de certas barracas e corriam desnorteadamente.

– *Sim, eu lembro. Aquilo é coisa das feiticeiras que enterravam as raízes debaixo das suas barracas para serem as únicas a venderem mais.* – Comentou o tio enquanto engolia o funje de massango.

— *Algumas até traziam nas pastas o feitiço, misturavam com o dinheiro para que, quando alguém de si trocasse o seu dinheiro desaparecesse e reaparecesse na sua pasta. Aquelas são mesmo bruxas!* — Enfatizou a mãe enquanto apanhava a comida que a Bita espalhava no chão.

— *Mãe, afinal é por isso que o dinheiro costumava a desaparecer sempre da pasta. Era por causa dos feitiços?* — Perguntei.

— *É sim filho. Lá na praça tem muitos "maçónicos", que roubam dos outros com forças malignas, por isso que já não dou trocados a qualquer uma.*

— *Mesmo tu, aqui na tua barraca Nando. Precisas ter cuidado ao misturares o teu dinheiro com o dinheiro que recebes de algumas pessoas.* — Advertiu-me o tio, enquanto pousava o prato por cima da tigela.

— *É verdade mesmo, Nando. Fica atento.* — Concordou a mãe.

Estávamos sentados ao redor da velha mesa de madeira, eu e o tio comíamos com os pratos pousados na mesa, mas a mãe e o Carlito tinham os seus pratos pousados no colo, comiam melhor assim.

E a Bita estava sentada no chão acertando cada vez mais no chão que na boca, quando com sua colherzinha tentava levar a comida a boca. A nossa conversa fluía, mas a mãe ainda parecia meio triste, até o tio lhe notou a nostalgia.

— *O que é que tens desta vez, mana?* — Perguntou o tio a mãe.

— *Nenhuma novidade. Só o de sempre, o meu peito já não aguenta mais.* — Explicou a mãe.

— *Emagreceste muitas gorduras, mana.*

— *São as tosses, às vezes penso que é mesmo tuberculose. Mas nunca me acusa nenhuma enfermidade, mano.* — Respondeu

— Também já não há mais qualidade aqui nos nossos postos, mana. Se pelo menos ainda tivéssemos o posto da missão, lá havia o bloco do sanatório. Com certeza poderiam te curar. — Explicou o tio meio zangado.

— Êh! Talvez. O posto da missão tinha bons enfermeiros, eram catequistas e pastores. Quando os medicamentos não surtiam efeitos tratavam com oração. Lá mesmo teriam me tirado todos os demônios, mano.

— A culpa mesmo é destes empresários invejosos que têm postos privados nos quintais, eles é que levaram a queixa para encerrarem o posto da missão. Justificaram até que não possuíam as condições. — Desabafou o tio.

— Até mataram muita gente quando o encerraram. — Explicou a mãe. — Mas eu mesmo, mano é minha hora mesmo de partir, agora já me sai sangue no tossir.

— Não digas isso, mana. Tu ainda tens muito para viver. — Encorajou o tio.

— Eu já não poderei mais ir à praça com a bacia na cabeça e a Bita nas costas, já não consigo mais. Os miúdos agora estão não tua responsabilidade, mano. — Disse a mãe.

Ao ouvir tais palavras a sala ficou toda em silêncio. Os olhos do tio reluziam, dava para nota-lo mesmo com a luz fraca da lanterna que estava pregada na parede. A mãe estava mesmo a despedir-se de nós, eu sinceramente já não sabia como reagir.

A morte da mãe estava anunciada a muito tempo, ela sabia o tempo todo que iria morrer, tentava sempre nos convencer. Mas nós não queríamos aceitar que a morte lhe venceria, o que as pessoas não

sabem, é que a morte não perde para ninguém. Era uma campeã absoluta.

Minha mãe era também teimosa e destemida, estava pronta para encarar a morte, estava pronta para encontrar-se com o pai no submundo, às vezes, só receava mesmo era a situação da Bitá. A observava e dizia que ela era ainda muito pequena, só tinha dois anitos, agora menos um mês para completar três. A mãe falava que se as coisas dependessem dela não nos deixaria órfãos. Tio Avelino estava prestes a se casar de novo. A sua primeira mulher falecera de hemorragia no primeiro parto, morreu junto com o bebê, desde então o tio tinha pegado o desgosto de se casar de novo, tinha medo de engravidar outra mulher.

Mas agora estava prestes a casar-se mesmo com a mana Maria que já nos foi apresentada. Ela era muito simpática, sorria com facilidade. A mãe gostava muito dela e tinha lhe dito para que cuidasse da Bitá, quando ela morresse.

## O HOMEM DE DEUS

Uma multidão passava pelo caminho murmurando umas com as outras no grupo. Andavam rapidamente em direção à praça, eram as vendedoras grevistas que queriam protestar sobre a mudança da praça.

Era manhã de quinta-feira, eu estava montando a minha máquina de costura ao lado da barraquinha onde o Carlito tinha começado também a enfileirar as bolachas e chocolates agora. No meio daquelas pessoas que marchavam eu reconhecendo muita gente que vendia naquela praça desde há muito tempo, vi naquela multidão a tia Glória que vendia comida, o seu avental vermelho a abraçava como sempre, o lenço verde de pano cobria seus cabelos, trajava aquele seu vestido habitual de florinhas e as sandálias pretas volumosas que nunca se desgastavam.

— *Hoje não se vende, hoje dia de greve.* — Disse-me o tio Avelino saindo do grupo para cumprimentar-nos.

— *Afinal, tio? Vão mesmo vos ouvir?* — Perguntei.

— *Ninguém sabe. E tua mãe dormiu bem?* — Respondeu perguntando.

— *Não, recusa-se a sair da cama, mas diz que está boa.* — Respondi enquanto apoiava-me com a mão direita na máquina.

— *A Julieta é muito teimosa ya, assim não deve ter acordado mesmo bem.* — Observou o tio.

Passando pelo vestíbulo, o tio entrou em casa para ver a mãe.

— *...vamos voltar ao posto mana.* — Disse o tio da sala.

— *Já não faz diferença, Mano. Aqui em casa é o melhor hospital, é aqui que me curei de todos os partos e enfermidades. O pai e a mãe arrancavam as raízes do chão, eu bebia o chá e tu também, e dor na cabeça cessava.* — Desabafou a mãe do outro lado da parede.

— *Julieta, não brinques assim, os tempos mudaram. Vamos então viajar até na província, lá é que sabem das coisas.* — Apelou o tio tentando a todo custo convencer a mãe.

— *Agora só preciso de uma coisa mano. Quero que me tragas aqui o pastor Cipriano, ele é que me deu o batismo e aos meus filhos também. Traga-o cá em casa, quero me confessar antes de partir.* — Pediu a mãe.

O tio tinha ficado lá na sala, imóvel e como em estado de um mutismo patológico. Não falava mais nada. A cortina do quarto entreabriu, a Bita saía do quarto ziguezagueando em seus passos incertos, chegou ao lado do tio e abraçou-o na perna direita que parecia bem gigante para ela.

— *Tem de ser hoje mesmo, mano.* — Enfatizou a mãe.

— *Está bem, está bem!* — Respondeu o tio cortando seu mutismo.

O tio agachou-se até ficar na mesma altura da Bita, deu-lhe um beijo, levantou-a e a carregou no colo para fora. Eu que espreitava da porta, sai rapidamente para que o tio não me notasse a presença, parei ao lado da hora e fingi que observava as couves.

— *Cuida bem da tua irmã.* — Disse o tio pousando a Bita no chão antes de partir sem dizer mais nada.

Nem sequer consegui lhe fazer a réplica, o tio saiu. Mas não tinha ido se juntar ao grupo dos grevistas, tinha descido a rua como se estivesse a voltar na sua casa. Corri atrás dele, mas depois abrandei. O deixei partir. Da praça ouviam-se os barulhos dos grevistas. Corri para lá, deixei a Bita com o Carlito na barraca.

Quando cheguei, vi as pessoas a discutirem com os fiscais que trajavam aqueles coletes azuis escuro. Um caterpillar estava encostado entre a barbearia do tio Dani e o mano Yano, esperando sinal para começar a demolição. Ao lado da multidão estava parado o carro da polícia que ameaçava a população que reagia. Na carroçaria da carrinha estava em pé um homem que dizia alguma coisa no microfone, não conseguia perceber perfeitamente por causa dos ecos, o que eu percebera daquele homem, embora com dificuldades da poluição sonora é que a praça estava muito próxima da comunidade, que não era saudável manter uma praça muito perto das casas.

Quando terminou a intervenção, o homem orientou para que demolissem a praça.

O Caterpillar fazia cair as barracas como se estivesse a assopralas. As barracas e bancadas e outros estabelecimentos da praça pareciam leves como esponjas. Da praça só saía poeira, o quebrar das madeiras das barracas doía nas pessoas que nada mais podiam fazer para mudar as coisas. Algumas senhoras chegaram até ao ponto de reboarem-se no chão como crianças chorando por causa da destruição.

O que também não tinha adiantado nada, pois no final no lugar onde era praça tinha se tornado um vasto deserto de pó, saquinhos e plásticos.

Quando já começava a se fazer tarde, eu já estava de volta a casa. Antes mesmo de mergulhar a sombra dentro da casa ouvi duas vozes masculinas vindo de dentro, empurrei vagarosamente a porta que estava entreaberta e entrei de mansinho.

— *Boa-noite!* — Saudei assim que vi o vulto do pastor Cipriano sentado na cadeira de madeira.

— *Nando, boa-noite!* — Cumprimentou de volta com entusiasmo o pastor.

A mãe estava sentada no seu banquinho de madeira revestido com pele de boi, no cantinho envolvida em seus panos. O tio apontou-me a cadeira para eu sentar, Carlito já estava sentado e a Bitá corria de um lado para o outro, inquieta nos cantos da sala. Pelos vistos estavam mesmo só a minha espera.

— *O pastor veio orar conosco hoje Nando. Para afastar todos os males que se escondem aqui dentro e nas nossas vidas.* — Explicou a mãe.

O pastor olhou para mim e sorriu. Ele nos estimava muito, foi ele que nos tinha batizado, até tem uma foto daquele dia no meio da bíblia da mãe. O pastor Cipriano tinha trazido a sua bíblia e o hinário, os vi pousados na mesa.

— *Oremos.* — Ordenou o pastor depois que a mãe acabara de se explicar.

Cerrou os olhos, aliás, todos tinham fechado os olhos excepto eu que de início olhava e a Bitá que puxava para baixo a palma da mão da mãe que a tentava vender os olhos.

O pastor Cipriano orava com autoridade, até arrepiava e amedrontava. Eu só queria que ele dissesse já o amém, mas parece que ele lia o meu pensamento e não terminava suas preces. Orava, orava e orava mais.... Ora com o tom ascendente, ora descendo. E quando descia parecia mesmo que iria dizer amém, mas é aí que ele começava a subir de novo. Quando já ficara desesperado o bendito amém escapou-se-lhe da boca e reabrimos os olhos que agora enxergavam com dificuldades de tanto aperta-los.

— *Já podem ir dormir.* — Declarou o tio com um tom meio estranho.

Deduzindo-lhe a intenção convidei Carlito e nos retiramos da sala. Ficamos no nosso quarto. O tio e a mãe na sala conversavam com o pastor, mas parecia que só estavam a esperar que adormecêssemos, estavam a tramar qualquer coisa e eu já sabia de antemão, por isso não adormeci, quando o tio entrou no nosso quarto fingi estar no mais profundo sono. Assim que saiu fiquei de novo em alerta.

Ouvi seus passos se precipitando em direcção ao quarto da mãe. No começo estavam todos em silêncio, mas depois ouvia-se das suas bocas o cantar de um hino do hinário. Dava até para ouvir o refrão:

*"Meu amigo hoje tu tens a escolha:  
vida ou morte? Qual vais aceitar?  
Amanhã pode ser muito tarde,  
hoje Cristo te quer libertar."*

Depois da canção o pastor murmurava algumas coisas que não dava para ouvir bem, em seguida a mãe contava uma história. Às vezes fazia pausas para chorar e retomava a narrativa. Eu não conseguia perceber muito bem, a única coisa que percebia com nitidez é que a mãe dizia que estava arrependida de tudo.

O pastor lhe amenizava a angústia com algumas palavras, o tio estava mais como uma testemunha ou figurante daquela confissão, nem falava nada.

Permaneceram lá por muito tempo. Antes de se retirar, o pastor orou com a mãe e o tio longamente, quando disse amém, despediu-se da mãe. Na sala disse a mãe que ficara no quarto que agora era nova criatura. Tendo proferido tais palavras saiu junto com o tio, a mãe saiu do quarto, escancarou a porta e voltou para o quarto.

## O DIA MAIS TRISTE DA MINHA VIDA

Naquela noite eu tinha adormecido só por volta das três horas da manhã, peguei num sono profundo. Nem sequer tinha escutado o cantarolar dos galos da vizinhança que eram como despertadores naturais. Talvez, se a mãe estivesse no seu melhor, deveria ter lhe ouvido os passos e o barulho da vassoura lambendo o chão. Mas fazia tempo que a mãe não acordava para fazer as suas rotinas.

Quando acordei, Carlito já tinha se levantado a muito e só me olhava do umbral da porta do nosso quarto onde apoiara seu corpo com o ombro. Olhava para mim assustado com seus olhos cheios de ramelas.

– *Estás a fazer o quê aí?* – Perguntei, enquanto vestia minha camisola que também me servia de almofada.

– *A mãe não está.* – Respondeu num tom meio assustado.

Confesso que não tinha ficado muito admirado, ficara até um pouco feliz ao ouvir que a mãe finalmente não estava mais na cama. Corri em direção ao quarto dela e comprovei sua ausência, mas estranhei o facto de ela ter deixado a Bita que ainda dormia, isso não era normal.

– *Deve ter começado a ir nas lições matinais da igreja por causa da visita do pastor Cipriano ontem.* – Comentei ao Carlito depois de ter reflectido um bocado.

Sem nada para responder, meu irmãozinho só permaneceu em silêncio, mas o rosto tinha mudado de aspecto. Estava menos assustado.

Voltei à sala e olhei minha máquina de costura no cantinho, o Carlito tinha ido à cozinha aquecer a comida de ontem para matabichar, chamei-o para que me ajudasse a transportar a máquina até a barraca, já era hora de retomar os serviços. Tinha muito trabalho por fazer, as obras que tinha recebido eram tantas, por causa do domingo especial das crianças da igreja que ficava quase ao lado da antiga praça que agora nem sequer nela habitava barata nenhuma. Os encarregados vinham com seus filhos, panos e outros tecidos para retirar as medidas e lhes costurar o traje do domingo.

Na rua de frente, as senhoras que tinham ido varrer no pátio da igreja e na lição já regressavam, por isso, também ansiava o regresso da mãe. As senhoras tinham todas passado e a minha mãe não! Por pouco perguntaria na tia Catarina se tinha visto a mãe, se não fosse a vergonha que dela eu sentia, pois num domingo me encontrara com sua filha: a maravilhosa Lina. Lá no beco entre a sua casa e a casa da tia Paula. Estávamos tão perto de nos beijar, quando chegou a tia Catarina.

Quase morri de susto naquele dia, mas ela tinha se rido do nosso constrangimento. Não parava de rir, até pediu desculpas e retirou-se de imediato.

Olhava para o norte e o sul da rua, mas não via a mãe.

O Carlito saía de dentro com a Bita que tinha acabado de acordar, chorava pela mãe, mas cessou seu pranto quando o Carlito lhe deu seu pratinho com a comida de ontem aquecida. A Bita comia com muita satisfação, sentada no rodapé da casa com o Carlito. Alguns instantes depois fitei o vulto do tio Avelino vindo às pressas, quanto mais se aproximava, mais eu lhe notava a palidez e a tristeza, com certeza trazia uma notícia triste.

– *Nando!* – Exclamou com tom de profunda tristeza: – *A tua mãe sonambulou até ao rio, chegou até a represa!*

– *Como assim, tio?* – Perguntei assombrado e com o coração batendo desordenadamente.

– *Demônios filho! São demônios...* – Segurou a voz que ficava entrecortada, afinou-a e inspirou. – *Os demônios levaram a tua mãe até lá, os demônios do teu pai, Nando.*

– *Mas... Tio!* – Parei para ordenar as ideias: – *Afinal a mãe já não tinha apanhado a fé, ontem com o pastor Cipriano?* – Perguntei confuso.

– *Já não sei mais, Nando. Ontem a tua mãe tinha convertido os pecados...* – Travou de novo a fala como se estivesse lembrando de alguma coisa. – *A tua mãe é muito malandra, Nando. Obrigou-me a trazer o pastor porque sabia do seu destino. Queria partir limpa.*

– *Mas onde está ela agora, tio? A Bita já estava a chorar.* – Perguntei para acabar com os mistérios que me torturavam.

– *Transfigurou-se enquanto sonambulava, o rio lhe chamara, pois tinha chegado o dia do encontro com o teu pai. A Julieta estava pronta, levava*

*a fé que recebera ontem a noite, tinha se convertido nova criatura e foi lá lutar com a morte. — Travou a fala, deixou escapar uma lágrima e prosseguiu: — A Julieta não aceitou voltar para casa, dorme até agora no leito do rio. A tua mãe morreu, Nando. Ela morreu como sempre quis, morreu na água, os feiticeiros do rio nunca falham! O velho Pakisi até lhe assistiu a morte nesta madrugada, ele é que veio dar-me as notícias, Nando. Ele não pode salvá-la, porque na nossa tradição não se pode salvar a alma de quem está a afogar-se, senão morres tu também, o salvador da vítima. — Concluiu, as lágrimas nele agora rolavam como chuva na vidraça.*

Eu nem tinha peito para chorar o meu choro convulso, morreria se chorasse. Naquele instante nem chorei, talvez, porque a mãe já nos tinha habituado com a dor da sua partida, quando anunciava sempre a sua morte. Eu tinha os pensamentos antecipados, já me vi nesse dia e já tinha sofrido nele.

— *O corpo tio, o corpo da mãe?...* — É só o que consegui perguntar depois de ter visto o tio prantear pela primeira vez sem receio.

— *O corpo ainda está na casa mortuária, jaz lá por enquanto, aqui só vira a tarde.* — Respondeu com a voz rouca.

Naquele instante, as pessoas que tinham se apercebido do ocorrido vinham em direcção a nossa casa, eu e o tio fomos para dentro e começamos a desarrumar a casa para deixá-la mais espaçosa. O Carlito que ainda estava sentado no rodapé da casa com a Bita a comer, ainda não desconfiava de nada, ou fingia não suspeitar.

– *Vamos já nos mudar daqui?* – Perguntou o menino todo confundido ao ver-nos transportando as coisas para fora.

– *Não. Não vamos a lugar nenhum.* – Respondi titubeando para escolher as palavras certas.

– *Aqui vai ter óbito, nê tio?* – Tornou a inquirir quando viu o grupo de senhoras que trajavam pano, na entrada aos gritos carpideiras.

O tio enxugando uma lágrima no canto do olho esquerdo, olhou-o e acenou com a cabeça assentindo. Mas percebendo o silêncio do sobrinho, respondeu verbalmente.

– *Sim, a vossa mãe está morta!* – Confirmou sem mais eufemismo.

Quando ouviu isso, Carlito correu para dentro do quarto e entrou debaixo da cama da mãe, escondeu-se lá e soluçava lá solitário.

A Bitá já tinha mesmo começado a sentir a ausência da mãe, chamava-a em vão, procurava-a nos lugares onde habitualmente a mãe mais frequentava, espreitava na horta e não a via, entrava em casa cambaleando chamando pela mãe, foi até a cozinha e não a achou, cheia de desespero a sua última esperança era encontrá-la no quarto, mas assim que passou a barreira da cortina do quarto da mãe, chorando e chamando-a, calou por um instante, quando ouviu os soluços vindo debaixo da cama da mãe, pensou de imediato que tinha encontrado ela. Chegou junto da cama, agachou-se e espreitou debaixo da mesma.

Para seu desespero tudo que viu foi o rosto do Carlito entre as bacias de roupa suja. Coitada, saiu a correr até fora e desatou a chorar.

Uma senhora acolheu-a e a levou no colo para sua casa onde tinha outras crianças, Bitá tinha ficado lá até o último dia do óbito, descontraída parecia até que nunca tinha tido uma mãe na qual ela não se desapegava.

# CAPÍTULO -III

---

"Espreitei a cidade pela janela entreaberta. Lá fora, a vida desfilava, impávida. Injustiça é o mundo prosseguir assim mesmo quando desaparece quem mais amamos."

- **Mia Couto**

---

## A LUTA DA ALMA

---

O luto afinal acontece-nos na alma e não na roupa. O luto nem era a roupa, tampouco aqueles lacinhos de pano pregados na nossa camisa com um alfinete. O luto acontecia dentro. Quando o avô morreu senti muita dor na alma, sentia-me trespassado por causa da perda. Mas quando morreu a mãe eu tinha entendido um pouco das coisas, nem chorei no momento, chorei noutra dia, solitário e no escuro como o tio chorara outrora no óbito do avô. Eu tinha percebido que nós mesmos é que criávamos o luto por medo e o nome disto nem deveria ser luto, já que é sinônimo da morte, o nome é mesmo luta. Talvez, o chamam luto, na primeira pessoa, porque cada um que tenha sido próximo do defunto luta consigo mesmo por medo e entusiasmo, medo de aceitar que nada mais será o mesmo.

O avô Pascoal uma vez dissera que nenhum choro no funeral era sincero. Toda gente chorava por causa do medo e um pouco de felicidade. O avô explicava que se uma mãe ou um pai morre, o filho chorava não pela perda total dos seus parentes, mas pelas coisas que estes dois faziam por ele; o choro do filho só se resumiria em coisas tangíveis: — *"quem vai pagar agora a minha escola, meu Deus."*, *" quem vai cuidar de mim..."* Fora disso não chorava por mais nada de simples. E isso era o que as pessoas todas faziam nos funerais, chorando por medo de já não terem mais a pessoa aqui e por felicidade, porque a

morte audaciosa e tenebrosa que as podia levar ainda não as levou, mas levou a outrem e eles sentem-se sortudos.

Fazia uma semana que a minha mãe tinha morrido. As coisas tinham mudado. Os dias e as noites já não eram como dantes. O nosso quintalzinho tinha se convertido num lugar insólito, o fio por onde a mãe estendia a nossa roupa e seus panos já não balançava mais, faltava alguma coisa no fio só as minhas roupas e do Carlito não faziam sentido. A horta secara, as couves tinham murchado junto com os tomateiros. Eu já nem conseguia regar. Afastava-me de tudo que me lembrava da mãe, sentava-me junto a máquina e olhava para o aperta-agulha, lubrificava com óleo no local específico, abria o espelho e fechava, com a mão direita eu dava alguns empurrões na roda da máquina e com o pé no pedal eu remendava tudo o que era tecido, confesso que fazia meu trabalho com a mais pura delicadeza e expertise, afinal, a solidão, as perdas fazem-nos homens de verdade e revelam nossa mais pura e absoluta identidade. Eu tinha descoberto a minha, eu era o remendeiro do bairro ou até de uma realidade rota.

O tio Avelino estava preocupado com seu casamento que estava marcado para o dia seguinte, por isso não vinha com muita frequência em casa. A Bitá não quis regressar em casa, ficara até então na casa da vizinha que tinha muita criançada. Em casa só tinha ficado eu e o Carlito, mas este tinha ido ajudar o tio Avelino a arrumar as coisas da sua casa. Quando o tio veio busca-lo, queria muito que eu fosse também, mas assim que me olhou, adivinhou logo o meu pensamento.

Eu não estava pronto ainda para me distrair, já era crescido, portanto sabia que Carlito precisava mais amparo do que eu. O tio nunca tinha desistido confortava-nos tal como uma galinha conforta os seus pintainhos.

Na tarde do dia seguinte, os poucos amigos do tio e a vizinhança que era como família tinham preparado tudo para festa. A tia Bela que era parente da primeira mulher do tio passava em frente de tudo, pois queria que o tio fosse feliz de novo.

A noite ela e mais as outras senhoras desceram noutro bairro buscar a noiva do tio. Quando chegaram frente ao portão da casa da noiva, a mana Maria, seus pais diziam que para além das grades de bebidas faltavam os panos para a mãe da noiva, só com isso a liberariam. A tia Bela saiu de lá às pressas e veio até a mim que já estava mesmo prestes a ir à cerimônia também.

— *Nando, Nando...* — Chamou a tia Bela, quando eu já ia descendo a rua para a casa do tio.

Parei e vi seu vulto aproximar-se.

— *Nando. Não nos querem entregar a noiva por causa dos panos.* — Explicou rapidamente e com a respiração ofegante.

— *Só por isso tia? Que têm os panos de tão especial, afinal?* — Perguntei confuso.

— *É a tradição filho. Os panos são como uma oferta à mãe da noiva. É só um símbolo de gratidão a mãe da noiva, Nando. Eles até foram generosos porque nos têm muito apreço, senão deveria ter nos exigido um boi e mais outras coisas.* — Esclareceu-me a tia Bela.

– *Está bem tia, agora entendi.*

Corri para dentro e agarrei nas duas peças de pano que eu tinha comprado para costurar camisas, calças e calções. Trouxe e os entreguei a tia Bela.

– *Vamos Nando, temos de ir buscar a vossa tia.* – Orientou a tia Bela.

Sem saber como reagir, permaneci calado.

– *Nando, tu serás o representante direito do teu tio, só tu é que lhe resta, talvez se a tua mãe estivesse aqui ou os teus avós, tu não te davas o trabalho. Mas agora só tem você, só você.* – Confirmou.

Quando ouvi tais explicações quase chorei, senti-me um verdadeiro adulto e responsável, senti a obrigação de responder pelos assuntos familiares. Sai com a tia Bela e trazemos a mulher do tio Avelino para casa.

Em casa do tio Avelino esperavam-nos outro grupo cantando. O tio estava entre estas pessoas esperando sua mulher, o tio estava diferente. Estava bonito naquele fato social de pano que lhe costurei, o seu aspecto físico estava todo em ordem, tinha ido numa barbearia endireitar a barba, a sua escovinha o deixava muito bonito mesmo, parecia muito jovem.

Quando nos aproximávamos bem perto do grupo, as tias da noiva orientaram que parássemos a marcha.

– *Daqui não damos mais um passo, agora é a vez do marido vir buscar a sua mulher.* – Disse uma das tias.

A tia Bela saiu apressadamente e sussurrou alguma coisa na orelha do tio Avelino.

Depois disso, o tio aproximou-se vagarosamente até ao nosso grupo que estava com a noiva. Fez vênias ao chegar.

– *Vim buscar a minha mulher.* – Disse o tio pedindo permissão das tias.

– *Dá-me dois mil.* – Respondeu com ar sério a que parecia ser tia direita da noiva.

O tio constrangido apalpou-se nas algibeiras e nada tinha. Sem saber o que dizer e o que fazer limitou-se a fitar a senhora e esposa que estava imóvel ali na sua frente com seu trajo de noiva do bairro, sem vestido nem véu, só panos. Depois daquele silêncio todo constrangedor, a senhora desatou uma risada bem zombadora, pois o tio tinha caído na partida.

– *Pode levar a tua mulher filho.* – Disse a senhora que ainda ria.

O tio segurou a mão da mana Maria, beijou-a na testa. As pessoas cantaram e atiraram uns bocados de arroz no ar para que chovesse arroz. Entraram no quintal e iniciou-se a festa.

## O REENCONTRO

Apesar do que se tinha passado outrora, ainda tínhamos motivos para sorrir. O tio parecia muito feliz, eu o via ao longe, estava sentado à mesa entre seus padrinhos, o tio petiscava com a sua mulher. Do outro lado do espaço da casa, onde não tinham feito a varanda de paus e encobertada com lonas, havia um monte de gente espalhada. Uns dançavam e outros comiam, outros faziam as duas coisas de uma só vez.

Carlito, apesar do seu aspeto nostálgico, pálido e misterioso. Parecia feliz, comia num cantinho com a Bita que finalmente tinha aceitado voltar, mas só porque as outras crianças com as quais brincava vinham. Comiam com bastante apetite, noutra cantinho um grupo de criancinhas que comiam também numa bacia plástica.

Eu estava apoiado na árvore de mangueira, enquanto contemplava todo aquele cenário. Uma senhora tinha me oferecido uma cadeira para sentar, mas recusei. Disse a ela que estava bem daquele jeito. Distraído e um pouco descontraído, agora meu olhar estava perdido na multidão, até quando um leve toque no ombro me despertou.

– *Nando!* – Disse a voz antes que eu virasse.

Curvei-me mecanicamente para ver quem era a garota, já que era uma voz feminina. Para minha surpresa meus olhos esbarraram com a figura maravilhosa da Lina.

– *Lina!*... – Exclamei com a voz hesitante e com o coração dando batidas fortes.

– *Sempre sozinho...* – Observou sorrindo.

– *É...* – Respondi sem saber o que dizer.

Fazia muito tempo que tinha visto a *Lina*. Seu rosto bonito estava mais vivo, o tom da pele estava mais claro. *Lina* estava com o corpo mais imprime e com alguns quilos a mais, os seios estavam eretos. Resumindo, a *Lina*, a minha *Lina* tinha-se convertido numa moça de verdade.

– *Já é tarde, preciso ir para casa. Mas está muito escuro para andar por aí sozinha.* – Desabafou.

– *Pois... Eu levo-te a casa.* – Afirmei adivinhando sua intenção.

– *Sim, obrigado.* – Agradeceu sorrindo amavelmente, desatando seus lábios vagarosamente.

Sáímos daquele cenário agitado e estávamos subindo a rua que dava acesso ao outro lado do bairro onde morava a *Lina*. Sem postes, nem electricidade, tudo o que nos alumiaava era a luz prateada do luar.

– *Você tem tanto medo assim do escuro?* – Perguntei para quebrar o silêncio, enquanto caminhávamos.

– *Muito mesmo.* – Respondeu rapidamente.

– *E de onde nasceu tanto medo Lina?* – Perguntei – *A gente corria no escuro um atrás do outro.*

*Lina* abrandou o passo e trespassou-me com seu olhar. O rosto tinha mudado de aspecto e as suas mãos que estavam soltas, mergulharam nos bolsos do casaco como se tivesse sentido um frio ou estivesse a proteger-se de alguma coisa.

– *Não gosto muito de falar disso!* – Respondeu finalmente.

– *Tudo bem, Lina. Podemos falar de outra coisa.* – Sugeri.

– *Você ainda gosta de mim?* – Perguntou-me assim que retomou o passo.

Aquela pergunta tinha-me deixado com muita vergonha. Eu sinceramente não sabia como responder, como agir e como andar. Retomei o passo também e fui atrás dela que estava já uns passos mais adiantado de mim.

– *Sim.* – Comecei por responder. – *Ainda gosto e acho que sempre vou gostar de ti.* – Conclui sem olhar nos olhos dela.

– *Vai sempre gostar de mim? Não acho, Nando! Você vai se aborrecer de mim com o tempo.* – Comentou com a voz triste.

– *Porquê é que você acha isso?* – Perguntei confuso.

Fez de novo uma pausa, mas desta vez fixou seu olhar no chão como se sentisse envergonhada.

– *O que houve com você, Lina?* – Voltei a perguntar preocupado lhe segurando involuntariamente o ombro direito.

– *Nada. Só acho que eu não te mereço.* – Disse, enxugando uma lágrima com o dedo.

– *Lina, mas porquê que dizes tudo isso? E por que choras?* – Minha mente entrou em um jogo de questões. – *Tudo bem Lina, tu mereces alguém bem melhor que eu, mas não precisas ficar com pena de mim, está tudo bem.* – Expliquei.

– *Não, Nando!* – Respondeu. – *É o contrário. O problema sou eu.* – Concluiu.

– *Como assim Lina?* – Voltei a perguntar. Não sabia dizer nada que não fosse uma pergunta, eu estava confuso e nervoso.

– *Eu já sou uma mulher.* – Afirmou e saiu a correr.

Eu não tinha entendido aquela última frase e o porquê que ela corria após ter dito aquilo. Desatei a correr atrás dela, chamei-a pelo nome, mas ela não abrandava a os passos. Estávamos já próximos da sua casa, por isso não adiantava continuar a segui-la: parei. Vi-a empurrar o portãozinho da entrada, em seguida abriu a porta e entrou na casa.

## ***UMA REVELAÇÃO CHOCANTE DO MEU AMOR***

Amanheceu. A noite foi eclipsada pelo dia como o sol pela lua e pelo beijo dos apaixonados. Pela primeira vez, testemunhei a aurora, a manhã renascendo das cinzas da noite. Da janela do meu quarto, eu contemplava tudo, pois o sono e a tranquilidade me escapavam. A noite anterior tinha me deixado exausto e extremamente confuso. Os porquês fervilhavam em minha mente, impedindo-me de adormecer; eu só pensava em Lina e no que ela queria transmitir com sua última frase. Parecia que ela estava tentando me contar algo sutil que havia acontecido com ela.

Lina cresceu comigo neste bairro, até que ela foi morar com o tio no litoral. Sempre fomos muito próximos antes disso; sua mãe era uma grande amiga da minha. Quando sua mãe vinha aqui em casa, ela olhava para mim e sorria, e depois me chamava de genro. Ela dizia que um dia eu me casaria com sua filha. Eu ficava envergonhado e às vezes até chorava. Minha mãe fazia o mesmo com Lina, chamando-a de nora e estimando-a muito. No entanto, ao contrário de mim, Lina gostava de toda aquela estima que sua mãe lhe dedicava.

O meu pequeno relógio Casio de pulso marcava nove horas e quarenta minutos quando cheguei à barraquinha do Carlito, onde ele vendia bolachas. Sentado na velha cadeira de madeira, pedalando a máquina de costura, percebi que o trabalho de costureiro era solitário. Até ao tirar as medidas, apenas murmurávamos os centímetros e os anotávamos no caderno.

Absorto, com os olhos fixos na roupa estendida na mesa da máquina, sentia-me distante do mundo ao meu redor. Nem levantava mais a cabeça, nem ouvia os passos suaves de alguém se aproximando de mim.

– *Nando!*

Ergui a cabeça, parei de pedalar e vi Lina parada bem à minha frente. Ela usava um vestido preto com barras brancas na cintura e nas mangas. Seu cabelo era todo preto desde a raiz até o comprimento, mas as pontas estavam loiras por causa do sol, preso em um coque no topo da cabeça. Ela segurava uma pasta de couro nas mãos.

– *Lina!* – Respondi, ainda surpreso.

– *Eu vim aqui para me desculpar por tudo o que aconteceu ontem.*

– Explicou timidamente.

– *Tudo bem, Lina. Está tudo bem, eu estou bem.* – Respondi, tentando amenizar a situação. – *Mas eu só gostaria de entender tudo.*

– *É complicado, mas é por isso que vim aqui.* – Respondeu, agora com um tom mais firme.

Lina parecia determinada, e parecia que ela também não tinha dormido na noite anterior. Convidei-a a sentar-se na cadeira ao meu lado, debaixo da sombra do guarda-chuva onde eu estava.

– *Obrigada.* – Disse ela ao sentar-se. – *Nando.* – Começou. – *Eu sinto muito pela tia Julieta. Eu nem sequer estava aqui com você, desculpe.*

– Desabafou.

– *Está tudo bem, Lina. Já passou, eu estou bem.* – Respondi.

Houve uma pausa e ela retomou a fala:

— *Nando, quando soube do que aconteceu, tudo o que eu queria era voltar para casa, no litoral*". — ela parou para bocejar e continuou: — *Aconteceram coisas muito ruins comigo também, por isso voltei para cá e desisti da escola*. — Finalizou.

— *Mas o que aconteceu de tão grave que te fez abandonar a escola, Lina?* — Perguntei.

Lina ajeitou-se na cadeira, cruzou as pernas e segurou a pasta no colo com as duas mãos.

— *Nando, você vai me perdoar?* — Ela me perguntou para ter certeza de que estava tudo bem entre nós.

— *Claro, seja lá o que for, eu vou entender*. — Respondi.

— *Voltei do litoral porque fiquei grávida*. — Disse ela com a voz fraca, olhando fixamente para o chão.

Ao ouvir essa confissão, meu coração quase saltou para fora e subiu até minha garganta. Senti um aperto na garganta e as palavras quase escaparam naquele momento. Mas me contive e recuperei o fôlego.

— *Então... então foi por isso que você disse que já era uma mulher?* — Perguntei com certa ironia.

— *Sim...* — Respondeu.

— *Tudo bem, Lina. As coisas são assim mesmo. Então você será a próxima a se casar...* — Comentei.

Os olhos de Lina se encheram de lágrimas e algumas escorreram por seu rosto.

– *Nando... Tudo o que eu sempre quis na minha vida foi casar com você.* – Disse enquanto enxugava as lágrimas.

– *Não diga mais isso, Lina. Deixe como está, deveria ter sido assim mesmo.* – Comentei novamente.

– *Não, Nando. Eu queria muito ter engravidado de você.* – Disse.

– *Lina, tudo acabou! Não há mais esperança, seu marido do litoral virá buscá-la em breve.* – Observei.

– *Eu não tenho marido, Nando.* – Disse.

Fiquei perplexo e irritado com essa afirmação de Lina. Olhei para a direita e percebi que Carlito ainda estava ali, ouvindo toda a nossa conversa. Mas ao ver a expressão em meu rosto, ele se levantou e saiu.

– *Como assim você não tem marido, Lina? Afinal, quem a engravidou?* – Perguntei já aborrecido.

– *Engravidei por causa do estupro que sofri. Fui estuprada e depois frequentemente violentada.* – Confessou entre lágrimas.

Também comecei a chorar ao ouvir essa informação. Afinal, não era culpa dela. Havia um criminoso por trás de todo aquele drama. Senti raiva e muita dor no peito.

– *Lina... Quem fez isso?* – Perguntei com a voz rouca.

Lina ficou em silêncio, apenas chorando. Como se não quisesse dizer por vergonha, mas depois reuniu coragem e disse.

– *Foi o tio Pedro, com quem eu morava na época.* – Contou e desabou em um choro convulsivo.

Fiquei sem palavras. Nem lágrimas saíram. Quando a ferida é muito grande, nem dói mais. Sentia-me atingido e dilacerado, e chorar não mudaria em nada a situação.

– *E o bebê?* – Perguntei, sem saber mais o que dizer.

– *Acho que ele não está mais aqui, mas na minha barriga. Já faz tempo que não o sinto.* – Respondeu secamente.

– *Mas como assim? O que aconteceu?* – Voltei a perguntar.

– *Quando contei à minha mãe sobre os abusos que sofria do tio e que estava grávida, ela me trouxe aqui e me deu um chá de raízes amargas que ela mesma cavou na mata.* – Fez uma pausa para se recompor e continuou:

– *Bebi o chá apenas duas vezes. No dia seguinte, comecei a sangrar. Saía de mim um sangue forte, escuro e com algumas manchas brancas. Contei à minha mãe e ela me disse que estava tudo bem, só isso. Mas desde então nunca mais senti o bebê aqui dentro, acho que ele se foi.* – Concluiu.

Eu havia entendido tudo e me lembrei do que minha mãe havia dito uma vez enquanto conversava com o tio, que o envolvimento entre parentes era uma espécie de feitiçaria chamada "ombungu". Era também uma maldição, pois o filho nasceria deformado, por isso a mãe de Lina provocou o aborto em sua filha.

Naquele momento, me vi involuntariamente abraçando-a. Estava tudo bem, afinal, apesar de tudo. Lina tirou uma saia azul da pasta e pediu-me para fazer a bainha, e sorrimos juntos.

# CAPÍTULO -IV

---

" Momentos de fraqueza na vida qualquer um poderá ter, e, se hoje passámos sem eles, tenhamos-los por certos amanhã." — **José Saramago**

---

## O MISTÉRIO DO RIO KALONGA

---

Na tarde daquele dia, eu só pensava nas confissões que Lina tinha me feito. Coitada, afinal, ela sofreu abusos sexuais e não tinha como se defender do tio, que era um estuprador e mentalmente doente. Mesmo sendo uma adolescente, Lina já tinha sofrido um aborto por causa desse tio maldito. Sua mãe, para evitar escândalos, deu a ela remédios caseiros antes mesmo de sua barriga começar a crescer.

Apesar de tudo o que tinha acontecido, eu ainda gostava muito de Lina. Enquanto desmontávamos a barraca, vi o tio e a tia Maria vindo em nossa direção, de mãos dadas. Eles caminhavam devagar, como recém-casados. Eu e Carlito esperávamos impacientemente por eles.

Quando chegaram até nós, a tia Maria tirou alguns bolinhos de uma bolsa e nos deu. Nós entramos na casa, e o tio Avelino nos disse que iria buscar a Bitá.

– *Será difícil convencê-la a vir.* – Observei.

– *Eu sei, aquela menina herdou a teimosia da mãe.* – Disse a tia Maria, com seu sorriso habitual.

A Bitá ainda estava com a vizinha e não queria voltar para casa. Por isso, só a visitávamos e, às vezes, eu a chamava para entregar algumas coisas que comprava para ela. Mas agora, com o tio casado, era hora de a Bitá voltar e morar com ele.

Não apenas ela, todos nós. Embora eu não gostasse muito da ideia, sabia que era a coisa certa a se fazer. Aquela casa seria alugada, e todos iríamos com o tio naquela noite.

– *Fiquem aqui, vamos buscá-la agora.* – Disse o tio.

Sáímos da casa e subimos a rua em frente à nossa casa. Andamos apenas um pouco, e o quintal da vizinha já estava à vista. Como não havia portões na entrada, entramos e cumprimentamos a dona da casa, que saiu e nos convidou para entrar.

Ao nos ver, a Bitá correu para os braços do tio Avelino e, em seguida, para os braços da tia Maria, onde ficou. O tio começou a conversar com a dona da casa, agradecendo por ter cuidado da Bitá, e explicou que estávamos levando-a de volta para casa. A vizinha disse que estava tudo bem e orientou a filha a pegar as roupas da Bitá.

Do quarto, as outras crianças espiavam pela cortina. Elas haviam percebido que a Bitá iria embora e estavam tristes. Uma delas, mais nova que a Bitá, chorou ao nos ver, querendo vir conosco também.

Chegando em casa, Carlito pegou suas coisas e as colocou em uma sacola.

– *E as outras coisas daqui, onde vão ficar, tio?* – Perguntou Carlito, percebendo que deixaríamos a casa vazia.

– *Vamos trazê-las amanhã com a carroça de burro do tio Sami.* – Respondeu o tio.

– *Hoje eu passarei a noite aqui para cuidar das coisas.* – Comentei.

O tio e a tia se entreolharam, como se estivessem tendo uma conversa silenciosa.

– *Você não tem medo de ficar aqui sozinho?* – Perguntou a tia Maria.

– *Não. Será apenas por hoje.* – Respondi.

– *Está bem. Mas antes de dormir, feche todas as janelas da casa.* – Orientou o tio.

Concordei com um aceno de cabeça. Eles saíram, e eu fiquei sozinho na nossa antiga casa, onde passaria minha última noite.

Fechei todas as janelas e a porta, conforme o tio havia ordenado. Fui para o meu quarto e deitei-me. O sono não vinha, eu ainda estava acordado. Mas meus olhos doíam, como se eu estivesse com muito sono. Minha visão ficava cada vez mais embaçada, e eu não sabia mais se estava dormindo ou acordado. Tudo estava muito estranho para mim. Levantei-me e fui até a cozinha. Bebi um copo de água e sentei-me por um momento na sala. Havia dois bolinhos sobrando. Enquanto comia, senti um sopro forte em minha pele, um frio intenso, mesmo que não fosse inverno.

Levantei-me e fui para a cama, mas o frio ainda continuava. Eu tremia sozinho, sem saber o que fazer. Então, lembrei-me de que havia cobertores volumosos no quarto da mãe, que ela usava no frio.

Quando passei pela cortina, flagrei minha mãe e meu pai sentados na cama. Meu coração batia forte de espanto, quase desmaiei.

– *Não se assuste, filho.* – Disse a figura da minha mãe.

Ainda sem conseguir recuperar o fôlego, eu não sabia o que dizer.

– *Filho, somos nós. Não tenha medo.* – Disse a figura do meu pai.

– *Eu nunca tinha saído deste quarto, Nando.* – Disse minha mãe.

– *Neste dia, eu morri aqui mesmo, nesta cama. Teu pai foi quem me levou até o rio.* – Explicou.

– *Mas o que vocês estão fazendo aqui? O que querem de nós?* – Perguntei, com a voz fraca.

– *Sempre estivemos aqui, Nando. Eu tenho compartilhado esta cama com teu pai há muito tempo, filho. Esta é a nossa hora de dormir. Nossos dias têm sido muito longos, teu pai trabalha em uma fazenda e eu ainda sou vendedora.* – Explicou minha mãe.

– *Como assim? Os mortos não trabalham?* – Questionei.

– *Os mortos trabalham, filho. Temos ocupações e recebemos um salário.* – Meu pai começou a explicar. – *É claro que nem todos os mortos trabalham. Nós não morremos por vontade de Deus, por isso vagamos nesta fronteira entre a sombra e a luz, entre o mundo e o submundo. Trabalhamos para aquele que tirou nossa vida. Eu trabalho na fazenda dele, filho. Nesta morte que vivemos, não se descansa em paz até que aquele que nos matou também morra.* – Concluiu.

Paralisado, a princípio, não conseguia absorver aquilo que meu pai acabara de dizer. Mas minha mãe me lembrou da história real que havia me contado enquanto estava viva.

Avô Pascoal também havia confirmado a veracidade dessa história sobre o homem que morreu no Sul, mas que foi encontrado no norte vivendo uma outra vida.

Certa vez, um parente próximo que fazia negócios em vários pontos do país o avistou em uma carpintaria. Perplexo, o parente não queria acreditar no que via. Aproximou-se do suposto falecido e confirmou sua identidade, mas ele recusava-se a voltar para casa quando seu parente o convidou. Em seguida, o suposto falecido advertiu-lhe para que não contasse a ninguém que o tinha visto. O parente, sem compreender quase nada, só pensava em como seria possível alguém que tinha sido enterrado estar vivo. Quando chegou no Sul, reuniu a família para contar o ocorrido, mas perdeu a fala, a língua ficou presa. Aquele parente ficou mudo e surdo e não viveu muito tempo depois disso, suicidou-se com uma corda.

Ao lembrar-me dessa história, percebi que era tudo real.

— *Amanhã vou mudar-me para a casa do tio. O Carlito e a Bitá já foram.* — Expliquei.

— *Muito bom, fico feliz.* — Disse a mãe.

— *Esta casa ficará alugada. Neste quarto, outro casal irá dormir, mãe.*  
— Informei.

— *Ficamos a saber, filho. Mas este é o nosso quarto e a nossa casa. Estaremos sempre aqui, mesmo que não percebam nossa presença, é aqui que sempre voltaremos.* — Disse a mãe.

— *Amanhã não diga que nos viu, filho. Seu tio vai ficar furioso, não conte nada disso a ele.* — Observou o pai.

– *Está bem.* – Respondi.

– *Agora volte para a cama. Amanhã terá um longo dia, filho.* –  
Disse a mãe.

Apoiei-me na parede, passei pela cortina e fui para o meu quarto. Antes de deitar-me novamente, lembrei-me que tinha esquecido de perguntar se eles voltariam a assombrar-me algum dia. Corri em direção ao quarto da minha mãe, mas quando passei pela cortina, eles não estavam mais na cama.

Olhei em todos os cantos e não vi nada, mas ouvia um leve rressonar vindo da cama vazia, como se alguém estivesse dormindo. Retirei-me e voltei para minha cama. O frio tinha parado e adormeci.

## **MORRER É INEVITAVEL: ASSIM COMO A MUDANÇA**

De manhã, ainda muito cedo foi o zurrar do burro do tio Sami que me despertou. Em seguida ouvi as batidas na porta. Agarrei minha camisa e apressei-me para ir abri-la.

– *Ainda dormias* – Disse o tio quando abri a porta.

– *Não dormi quase nada tio!* – Respondi enquanto levava as mãos nos olhos para limpar as ramelas.

O tio que estava parado no umbral, naquele instante atravessou-o e começou a transportar as coisas da casa para a carroça que esperava lá fora. O dono do veículo estava acompanhado dos seus dois filhos, o mais novo e o mais velho. O mais novo estava em frente dos animais para que estes não andassem; o outro organizava as bugigangas na carroça que trazíamos de dentro da casa.

– *Chega!* – Ordenou o tio Sami: – *Esta carga basta. A mesa e este pequeno armário os viremos buscar depois* – Argumentou.

– *É melhor mesmo. Os animais podem não conseguir suportar o peso* – Concordou o tio Avelino.

O tio Avelino e tio Sami ficaram. Eu e seus filhos fomos com a carroça carregada, andando aos solavancos em direção a casa do tio Avelino. Os dois animais que puxavam a carga andavam normalmente, mas o filho mais velho do tio Sami que dirigia a carroça não parava de açoita-los. Batia-os com toda força e imperava com os animais como fazem os patrões aos empregados. Toda vez que o moço acoitava os animais, mas eles aceleravam e ele parecia divertir-se. Eu olhava os animais com muito dó.

Pareciam estar felizes quando sentiam uma dor profunda. Os burros escondiam sua dor para alegrar seu dono arrogante. Nem sabia mais quem era mais burro.

Quando chegamos a casa do tio Avelino, o Carlito e a tia Maria já estavam acordados e a nossa espera. Descarregamos e voltamos para pegar o que faltava.

Enquanto voltávamos eu pensava no pai e na mãe. — Aquela hora eles estariam já acordados também lá no seu mundo, ou ainda dormiam? Existe mesmo um mundo dos mortos. — Pensava. Por que sempre há mistérios na morte? O avô uma vez dissera que há sempre um culpado, quando morre alguém. Morrer é inevitável, às vezes, mas quando se morre, alguém deveria estar por detrás daquela morte: se não for o próprio indivíduo que morreu, então deve ser uma outra pessoa, mas se não for está outra pessoa, então só Deus seria o responsável.

Quando me despertei dos pensamentos e das memórias que iam surgindo enquanto viajava na carroça naquele pequeno trajecto, já tínhamos chegado. O filho mais novo do tio Sami já tinha saltado do veículo para aparar os burros.

Carregamos as coisas que tinham sobrado e saímos.

Naquele dia não trabalhei com a máquina de costura. Pois tínhamos passado quase o dia todo a arrumar as coisas num anexo da casa. Enquanto fazíamos aquele trabalho, a tia Maria fazia a kisangua para o nosso lanche.

À tardinha sai sem nenhum destino específico. Não sabia por onde ir, mas sentia a necessidade de sair e caminhar, talvez, até eu avistasse Lina nos meus caminhos. Sozinho, havia momentos que monologava algumas palavras sussurradas que eu pensava que estavam só as articulando por dentro. Eu pensava demais e deixava-me sempre viajar em meus pensamentos. As pessoas que passavam ao meu lado estranhavam o facto de eu estar aí andando e conversando comigo mesmo.

Há muito que sinto falta dos amigos, faltava-me um amigo naquele momento. Mas, há muito que os amigos se foram, quase todos tinham ido embora com os pais viver noutro ponto do país. Só um sobrara, o Kindo. Mas a sua casa agora ficava a uns três quilômetros de distancia. Para quem diz que a distancia na importa, naquele momento ela causava uma grande diferença. Ah, faz tempo que não o vejo.

Andava com o passo relaxado e curto quando passava em frente da casa amarela da velha Marisa, não deixei de olhar a velha carcaça do carro do velho Dionísio, o seu falecido marido mulato. Não o conheci porque segundo o avô, ele morreu no ano em que exatamente nasci. O avô disse que o velho Dionísio era seu amigo, trabalhava no comissariado lá na vila. Era ele que tinha estacionado o carro naquele lugar, bem ao lado da parede da sua casa, como se soubesse que ninguém mais o tiraria de lá. Aquele carro em ruínas trouxe-me lembranças. Pois era lá onde brincávamos quando o bairro ainda estava cheio de crianças.

Brincávamos quase toda hora, a noite era para lá que corríamos para nos esconder, quando jogávamos ao esconde-esconde que chamávamos de "jó".

Sentei-me naquele ferro velho, e fiquei lá. Olhava as pessoas que passavam pela rua, umas apressadas e outras não. Alguns subiam a rua, outras a desciam. Permaneci lá inerte, até escurecer.

## QUANDO NÃO CHOVE, A FOME MATA

A chuva tinha chegado e o céu estava repleto de nuvens negras. Trovejava e relampejava. A tia Maria enfileirava os recipientes no rodapé da casa para aproveitar a água da chuva.

– *Esta chuva já não vai mais cair bem por causa deste vento.* – Observou o tio quando saía de dentro para abrir a vala para que a água não se estagnasse em frente da casa.

– *Depende, pode mesmo cair bem.* – Contradiu a tia Maria que enfileirava até as panelas que a Bita trazia da cozinha.

– *Não depende nada. Sempre nos deram restos de chuva aqui.* – Rebateu o tio enquanto retirava a lama das botas plásticas que calçava.

– *Eles.* – Continuou: – *Desvoiam a chuva só para as lavras deles.*

– *Isso é mentira, mano Avelino. A chuva é de Deus* – Defendeu a tia Maria.

O tio Avelino abria a pequena vala e eu o ajudava com a pá a retirar o barro do leito. Dos céus caía uma chuva fraca e miúda que não condizia com as espessuras das nuvens lá em cima. O vento assoprava com muita força e fazia cair os baldes no rodapé, a tia e o Carlito corriam atrás dos recipientes e os colocavam de volta no rodapé.

O tio Avelino desencurvou-se e olhou para mim e olhou para os céus em seguida dando uma risada irônica.

– *Vês, Nando conforme estas nuvens estão a fugir às pressas?* – Disse-Me enquanto apontava as nuvens nos céus.

– *Sim, tio consigo ver. Mas isso não é normal?* – Perguntei enquanto me apoiava na pá.

– *Já não é normal. A chuva está sendo desviada para as lavras e fazendas daqueles que têm "olufuko".* – O tio afirmou com ar muito zangado.

– *O que é olufuko, tio?* – Perguntei curioso.

– *É o feitiço para ter sucesso nas colheitas, Nando. Estas pessoas querem enriquecer para nós vendermos a comida, mas vai tudo acabar; já estamos todos cansados de receber as chuvas de migalhas, os rios já não transbordam. Vamos manifestar ao soba para levar a nossa situação no rei, só ele pode intervir.*

As nuvens dos céus tinham ido embora, os baldes no rodapé nem sequer estavam cheios.

O céu estava todo escuro, ajudamos a tia Maria a recolher os baldes. Entramos e ficamos na sala enquanto a comida cozia. A tia dava as últimas batidelas na panela de pirão que ainda estava no fogareiro. Em seguida ela pousou a panela no chão e despejou o pirão na tigela que ela mesma pousou por cima da mesa.

– *Podem servir, a comida já está pronta.* – Informou.

A Bitá que estava sentada num cantinho correu e a tia acenou-a para que lhe entregasse o seu prato.

O tio Avelino como sempre fizera, esperou eu e o Carlito nos servirmos primeiro só depois serviu-se também.

– *Maria agora vês?... Nem sequer choveu de verdade* – Comentou o tio enquanto comia o seu pirão com kizaka.

— *A chuva é assim mesmo, mano. Às vezes, só se precipita, mas não cai.* — Respondeu a tia Maria que comia na panela que estava pousada no seu colo.

— *Não Maria! A chuva é como o comboio que apita sempre que se aproxima a uma comunidade. Nunca passa despercebida, mas a de hoje pareceu-se com o comboio que apitou, mas não chegou a passar .* — Comentou novamente o tio.

— *Mas pareceu que choveu muito longe. Dava para ver daqui a chuva que descia lá ao longe.* — Intervim.

— *Também vi, a chuva está a cair por fases.* — Concordou a tia Maria.

— *A chuva é para todos. No tempo de chover, a chuva deveria descer para todos. Mas agora só chove para os feiticeiros que por causa da tradição não podem andar na chuva.* — Afirmou o tio supersticioso, ou talvez nem superstição fosse.

A tia Maria era muito religiosa, trazia sempre seu terço no pescoço. Fazia preces todos os dias de manhã e ao anoitecer. Prostrava-se de frente a moldura de Jesus Cristo que ela tinha pregado na parede do quarto. O tio era protestante como nós, mas não ligava muito nessas coisas, pois fazia muito tempo que não entrava numa igreja, ele sempre acreditara mais nos feitiços do que na fé, só não admitia directamente. A última vez que teve a fé restabelecida foi quando o pastor Cipriano vinha em casa orar com a mãe, mas esta fé deteriorou-se, quando a mãe morreu no dia seguinte.

Haviam se passado várias semanas desde que nos tínhamos mudado na casa do tio Avelino, eu instalara minha pequena barraca onde ficava com minha máquina a remendar os tecidos que me confiavam. Ao lado a tia Maria tinha feito também uma pequena bancada por onde vendia tomate, alho, cebola e quiabo. Vê-la coberta de pano da cintura até ao tornozelo fazia-me lembrar a mãe.

– *Mana Maria!* – Saudou a mulher que estava em frente da bancada da tia.

– *Nhamita é como?* – Retorquiu a tia Maria levantando-se da cadeira de pele onde tinha se sentado.

– *Nós estamos bem é só a fome.* – Respondeu a mulher que agora fixava os olhos nas coisas da bancada.

– *Com essa chuva que não desce passaremos muita fome mesmo.* – Comentou a tia. – *Teu bebê cresceu muito!* – Exclamou a tia Maria mudando de assunto, enquanto tocava nas bochechas do bebê a sua frente.

– *Cresceu mesmo. Já tem dez meses.* – Disse a mulher enquanto desamarrava o pano para retirar o bebê das costas. Rodou-lhe até ao colo e falou emitando a voz do bebê como fazem todas as mães: – *tia Maria tens que me dar já uma mulher.* – Comentou sorrindo em vez do bebê.

A tia também sorriu, mas um sorriso fraco e um bocado esforçado como se as falas do bebê articuladas pela mãe lhe trespassassem e lhe trouxessem nostalgias.

Quando a mulher se despedia da tia Maria, ela ofereceu-lhe um monte de tomates. A mulher agradeceu e saiu. Falava com o bebê enquanto afastava-se: "com esses tomates vou fazer o teu molho para comer com pirão.", conversava. A tia voltou seu olhar para mim e fez o gesto de que faltava uns parafusos na cabeça daquela mulher e sorriu.

– *Quem era aquela senhora, tia?* – Perguntei curioso.

– *O nome dela é Nhamita. Crescemos juntas éramos muito próximas.* – Explicou a tia.

A tia começou a contar-me que as duas eram quase inseparáveis na infância, até no começo da juventude, quando ela fugiu para capital com um senhor que o vigarizou. Desde então, Nhamita tornara-se boêmia. Tinha três filhos e cada um com seu pai e dependia muito das pessoas para sustentar os filhos e a si mesma. Seu primeiro filho vivia no lar com os padres que o adoptaram, o menino já contava doze anos e diferente dos irmãos que estavam com a mãe, recebia instrução e educação religiosa.

## REALIZANDO UM SONHO

Os dias passavam quase despercebidos no túnel do tempo. Parecia que pouco tempo havia se passado, mas o ano já estava chegando ao fim.

Em casa, as coisas seguiam calmas, exceto pela tia Maria, que havia parado de sorrir com frequência, o que era estranho para nós. Ela estava pálida, como se estivesse sofrendo de alguma doença interna. Ao lado do quintal, onde costumávamos ficar juntos, ela já não conversava como antes, seus assuntos haviam desaparecido desde o dia em que sua velha amiga passara pela barraca.

Naquele dia, quando o tio voltou da praça, ainda nos encontrou lá fora. Eu estava costurando e a tia Maria vendendo seus produtos alimentícios.

– *A Unicef acabou de chegar.* – Disse o tio euforicamente, sem nem mesmo cumprimentar.

– *Quem é a Unicef, tio?* – Perguntei curiosamente para satisfazer minha ignorância.

– *A Unicef é um grupo de estrangeiros, Nando. Eles costumam vir com o Pame e ajudam a população, fornecendo comida e roupas; mas a Unicef vai construir escolas para as crianças.* – Explicou o tio Avelino, todo entusiasmado.

– *Tio, mas não vamos precisar pagar nada nessa escola?* – Perguntei novamente.

— *Nada, Nando. Eles são pessoas boas, vão montar as tendas amanhã, que servirão como salas de aula. Todos vocês poderão ir à escola agora e aprender a ler e escrever.* — Disse ele.

Eu já sabia ler, conhecia as palavras e as letras do alfabeto, pois o avô Pascoal havia me ensinado antes. Às vezes, eu lia aleatoriamente a Bíblia e o Hinário da mãe, mas nunca havia conseguido ensinar o Carlito. Eu não tinha o dom de ser professor. A Bitá conseguia contar alguns números aleatoriamente. E só errava os números de dois a cinco.

Sempre sonhei com a escola, onde eu e meus irmãos poderíamos frequentar para nos tornarmos alguém neste país.

— *Amanhã é o dia de se inscrever, e ainda bem que todos já têm seus documentos.* — Comentou o tio.

— *A Bitá ainda não tem documento, tio.* — Lembrei.

— *Por quê?* — Perguntou o tio incrédulo.

— *A mãe disse que a Bitá não precisava de documentos.*

— *Todos nós precisamos de documentos, Nando. Por isso, vamos registrá-la amanhã mesmo.* — Disse o tio.

A tia Maria apenas nos observava, sem intervir.

Entramos em casa. A tia começou a trabalhar na cozinha, e Carlito estava feliz por saber que iria para a escola e ter alguns amigos. Ele havia se tornado muito solitário, pois não tinha ninguém para brincar. Seus antigos amigos não brincavam mais no bairro, apenas na escola com outros colegas. Mas agora, ele estava prestes a entrar na escola, o que seria ótimo para suas habilidades sociais.

Minutos depois, a tia colocou a tigela de pirão na mesa e trouxe a panelinha pequena de carne. Ela serviu o prato da Bitá, que já estava impaciente.

— *Podem começar a comer!* — Disse a tia, finalmente.

O tio nos deixou servir e depois se juntou a nós. Comemos e conversamos sobre a escola que a Unicef trouxera para nós. O tio Avelino também mencionou que os adultos poderiam ir à escola para aprender a ler e escrever.

Após a conversa, a tia saiu da mesa levando Bitá, que já havia adormecido, no colo. Depois, ela também se deitou. Eu e Carlito fomos para o nosso quarto. Apenas o tio ficou sozinho na sala por mais alguns minutos, parecendo refletir sobre algo que o preocupava. Ouvi seus passos em seguida, indo em direção ao quarto. Eu estava com insônia, não conseguia dormir. Cheguei a sentir inveja de Carlito, que dormia profundamente ao meu lado. "Queria ter o sono dele", pensei. Mesmo sem sono, continuei tentando fechar os olhos.

Mas ainda conseguia ouvir os latidos dos cachorros e alguns ruídos das pessoas noturnas. Acordei e fui até a cozinha beber um copo d'água. Enquanto voltava para o quarto, ouvi vozes vindas do quarto do tio. Parecia que a tia Maria estava chorando baixinho. Assustado e preocupado, me aproximei um pouco da porta do quarto e os ouvi discutindo.

— *Eu quero morrer!* — Disse tia Maria, soluçando.

— *Por quê, Maria? Já te disse que nada mais importa para mim além de você, deixe tudo isso de lado.* — Respondeu o tio.

– *De que adianta tudo isso, se não posso gerar nossos filhos!?* – Desabafou a tia.

– *Não se preocupe, Maria. Sou feliz mesmo sem filhos.* – Afirmou o tio. – *Não se importe com isso. Vamos ficar bem.*

– *Estou desolada, não consigo engravidar. Meu corpo não é capaz de gerar vida* – Comentou a tia, entre soluços.

Um silêncio tomou conta do quarto. Eu podia ouvir apenas a respiração pesada e o som de lágrimas sendo enxugadas.

– *Então, a culpa é minha!* – Disse o tio. – *O azar me acompanha. Perdi minha primeira esposa no parto, e agora não consigo engravidar você.*

– *Não, não é sua culpa.* – Respondeu a tia. – *Já faz muitos anos que não menstruo. Sinto dor constante na bexiga, como se estivesse prestes a menstruar, mas nunca acontece. Meu sangue parou entre as minhas pernas, irmão.*

– *Isso parece ser uma doença. Vamos ao posto de saúde!* – Sugeriu o tio Avelino.

– *Não, não é uma doença. É magia. Meu pai me falou sobre essa feitiçaria chamada "ombando".*

Ao ouvir essa revelação, o tio ficou em silêncio.

– *Meus pais me levaram a um homem para fazer um tratamento chamado "olombamba", um feitiço para buscar fertilidade. Mas nada funcionou, porque a pessoa que me enfeitiçou já está morta. Somente ele poderia reverter o feitiço.*

O tio Avelino suspirou e disse:

– *Pelo menos você deveria ter me contado desde o início...*

– *Desculpe! Eu entenderia se você quiser me mandar embora.*

– *Já é tarde demais, Maria. Agora não posso te abandonar só porque você não pode ter filhos. Mas me diga: por que fizeram isso com você?* – Perguntou o tio.

*O homem que me amaldiçoou queria se casar comigo quando eu ainda era adolescente. Ele insistiu muito e até ofereceu terras e animais como dote. Mas meu pai e minha mãe não aceitaram.* – A tia fez uma pausa para respirar. – *Esse homem* – continuou ela – *ficou furioso e nos amaldiçoou, dizendo que somente ele teria a chave do meu corpo e que eu sofreria pelo resto da vida, pois seria apenas uma mulher na teoria.*

– *Eu sou feliz com você do jeito que é. Espero que você também seja* - Afirmou o tio com firmeza.

Afastei-me da porta e fui para o nosso quarto, caminhando silenciosamente. Deitei-me e, apesar de tudo o que havia ouvido, o sono finalmente chegou. Adormeci sem perceber.

## *A DOR É UMA PROVA DE VIDA*

Na manhã seguinte, o tio tinha madrugado em outro ofício que tinha começado a fazer. Já fazia algum tempo que o tio Avelino, além de vender diversos itens na praça, construía casas. Ele era um vendedor e mestre de obras. Saía muito cedo pela manhã, com o nível na mão e a fita métrica presa no cinto da velha calça jeans que vestia quando ia construir.

A tia Maria também acordou muito cedo para cuidar da barraca na praça. A mim, foi incumbida a responsabilidade de levar o Carlito e a Bitá para a escola que a Unicef instalou no bairro.

Quando nos aproximamos das instalações da Unicef, vimos uma grande multidão de crianças e adultos organizados em filas. Fomos inseridos em uma dessas filas, de acordo com as idades. Entregaram-nos cadernos e lápis, em seguida, uma senhora branca, que parecia ser a professora, perguntava o nome e o escrevia em um papel branco muito longo. Depois disso, nos organizaram em turmas com aproximadamente cinquenta alunos. Fomos levados para uma tenda enorme, sem cadeiras, sentamo-nos em latas, troncos e pedras. Na minha turma estavam os alunos mais crescidos. Naquele dia, reencontrei velhos amigos, mas mais do que isso, reví a Lina, que usava um vestido preto e sandálias castanhas. Seu cabelo estava bem trançado em linhas zigzague. Ela estava bonita como sempre. Eu a observava de longe, conversando com sua amiga Marisa. Quando ela me notou, primeiro olhou-me de soslaio e sorriu, depois sussurrou algo no ouvido da amiga e veio correndo até mim.

– *Agora seremos colegas...!* – Disse Lina entusiasmada ao chegar.

– *Sim, seremos. Mas você já sabe ler e escrever, o que mais veio fazer aqui?* – Perguntei.

– *Sim, eu sei. Mas não basta, eu preciso continuar aprendendo. E você também já lê e escreve muito bem, mesmo assim está aqui, por quê?* – Ela também me questionou.

– *Sempre quis estar em uma escola de verdade e aprender muito sobre histórias e ciências. Saber ler e escrever não é suficiente.* – fiz uma pausa.

– *Enfim, tudo bem, Lina?* – Disse.

– *Sim, estou. E você, Nando?*

– *Estou bem... De repente, ficamos sem assunto, estávamos como meros desconhecidos que se encontram por acaso e se apaixonam.*

Quando eu ia dizer algo para quebrar o silêncio, a senhora que carregava a lista nas mãos se aproximou da nossa turma e nos orientou a entrar. Entramos. Ela ficou em frente a nós por alguns segundos, aguardando que toda a turma se acalmasse. Depois, disse em voz alta: – "*Bom dia, crianças!*". A turma ficou perplexa com aquela saudação, nunca tínhamos visto uma brasileira antes.

– *Bom dia, senhora!* – Respondemos em uníssono, ainda surpresos pela presença de uma professora brasileira ali.

A professora sorriu ternamente para nós. Deu dois passos à esquerda e disse:

– *Sou a Ana Maria, sua professora neste seminário de alfabetização que durará quatro semanas.* – Fez uma pausa e caminhou até o canto da sala, pegou o mapa que estava enrolado lá e o prendeu acima do

quadro negro. Segurou uma vareta e prosseguiu – *Eu venho da América do Sul.* – Apontou no mapa com a vareta – *Esta grande porção de terra de onde venho chama-se continente. Existem cinco continentes, mas é neste em que está localizado o meu país, o Brasil.* – Apontou com a vareta para uma área ampla – *Como vocês podem ver, é o maior deste continente.*"

A turma inteira estava quieta e atenta à exposição da professora Ana. Posteriormente, quando retomou a fala, ela nos disse que o que acabara de explicar era geografia, uma disciplina que estuda a Terra e seus lugares. Em seguida, ela nos orientou para o recreio. Saímos da sala felizes, nos organizamos em filas novamente e recebemos o lanche.

Quando voltamos para casa por volta das 12h, nem o tio nem a tia tinham chegado. Ainda era muito cedo, nesse horário o tio Avelino só tinha descido do andaime para fazer uma pausa para o almoço.

E voltaria ao trabalho logo em seguida, só parando às 17h, quando a escuridão começa a tomar o lugar da luz e o tio já não poderá ler o nível com precisão. Àquela hora, a tia Maria também retornava da praça com um saco preto, desses que têm calendário nas laterais e um desenho de um monumento com a forma da letra "A" nas mãos. É nesse saco que ela trazia a comida para o jantar.

Ansiosos para contar como tinha sido nosso primeiro dia de aula, aguardávamos impacientemente até às 17h, que parecia nunca chegar, olhando para o velho relógio de pulso que eu tinha.

Carlito estava sentado no rodapé da casa, riscando algo em seu caderno, e a Bitá nem sequer se lembrava onde tinha deixado seu único caderno, correndo em várias direções com suas amiguinhas no pátio.

Eu estava sentado na minha máquina de costura com o pé no pedal, mas sem pedalar; a mão direita na roda, mas sem girá-la. Eu estava como se tivesse entrado em uma espécie de paralisia, sem conseguir me mover fisicamente, apenas pensando e imaginando. Lembrei-me da mãe.

Ela estaria muito feliz se ainda estivesse aqui, pensei em nossa última conversa e fiquei um pouco triste por eles, pois suas almas ainda vagavam por aí, fazendo favores ao assassino, o que não é justo. Os mortos precisam de paz e descanso, não de trabalho duro como escravos. Mas, ao contrário de mim, eles se orgulhariam de nos ver indo para a escola, mesmo que estivessem exaustos de tanto trabalhar. "O avô Pascoal também estaria feliz junto com a avó Lindinha. Absorto e alheado, fui despertado pelos passos arrastados do tio Avelino. Ele se aproximou e, com um sorriso irônico, perguntou:

– *Ainda consegues enxergar pelo buraco da agulha a essa hora?*

– *Hoje é dia de lua cheia. Está claro como o dia, conseguiria até passar um camelo pelo buraco da agulha.* – Respondi, imitando a forma como o tio responderia se fosse ele a ser provocado. Em seguida, dei uma risadinha maliciosa.

Quando ele chegou até mim, o tio Avelino bateu com a palma da mão no centro da minha cabeça, sacudindo-a de um lado para o outro.

– *Já é tarde. Ser costureiro é como ser construtor de casas. Ambos os trabalhos exigem muita precisão do mestre para evitar erros de medida, por isso a escuridão é um grande problema para nós.* – Disse o tio, entrando em casa.

A tia Maria já tinha chegado um pouco antes. Passou por mim como se não quisesse ser notada, enquanto eu conversava com um cliente que me entregava seu terno castanho. Percebi sua passagem, cabisbaixa e sem nenhum sinal de alegria. Guardei as roupas no saco, desmontei a máquina da mesa e recolhi-me. Fui para dentro, ansioso para contar sobre as coisas que haviam acontecido no primeiro dia de aula.

A tia Maria estava na cozinha, seu refúgio nas últimas semanas. A cozinha era onde ela se sentia mais à vontade, talvez fosse o lugar onde ela esquecia suas tristezas. Sentou-se no banquinho de pele de boi com a mão no rosto, enquanto aguardava a comida cozinhar. Ela fazia isso constantemente, quase involuntariamente. O tio Avelino retornou do banho. A toalha verde-amarelo-vermelho-azul, quase como um arco-íris, abraçava seu pescoço como um cachecol. Ele entrou no quarto para trocar de roupa e depois reapareceu na sala.

– *E a Bitá e o Carlito?* – Perguntou o tio, notando a ausência deles sem se dirigir diretamente a mim nem à tia, que ainda estava na cozinha.

– *Ainda estão brincando lá fora.* – Respondi, enquanto iluminava o caderno com uma lanterna para ver o que havia escrito na aula.

Sem dizer nada, a tia saiu da cozinha e foi para fora. Ela chamou os dois com voz aguda, demonstrando certo desespero. Parecia que a tia queria gritar com o universo, mas não tinha como fazê-lo. Ela os chamou repetidamente por três vezes, e logo os dois vieram correndo, sabendo que a comida estava pronta.

– *A bacia com água?* – Perguntou Carlito à tia antes mesmo de encostar no seu prato.

– *Que bacia, mano?* – A tia Maria perguntou de volta, confusa.

– *Qualquer uma serve. É só para lavar as mãos antes de comer, foi o que a professora Suzana nos disse hoje. Ela disse para lavar as mãos antes de comer e depois de ir ao banheiro.* – Explicou Carlito.

O tio olhou para mim, depois voltou-se para Carlito, deu um tapinha em seu ombro e sorriu. A tia Maria, envergonhada, imediatamente trouxe a bacia de banho e um pedaço de sabão azul, colocando-os ao lado da porta. O que seria apenas responsabilidade do Carlito, todos nós fizemos. Limpamos as mãos, inclusive a Bitá, que teve que repetir o exercício com a ajuda da tia Maria, pois havia apenas molhado as mãos e as retirado imediatamente.

– *Como foi o primeiro dia na escola?* – Perguntou o tio, sentando-se à mesa.

– *Foi ótimo. Aprendi geografia e ciências. Afinal, é a nossa terra que faz o sol andar ao redor dela* – Respondi entusiasmado com o que acabara de dizer.

Tio Avelino escutava atentamente, como se estivesse ouvindo aquilo pela primeira vez. A tia Maria não demonstrava tanto interesse, apenas olhava para a panela apertada entre seus joelhos. Comer a distraía de qualquer outra coisa.

– *Nós comemos papinha* – Disse a Bita, quase gritando. O tio começou a rir, mas a tia não deu muita atenção e nem sorriu.

– *E você, Carlito?* – Perguntou o tio, notando que faltava o comentário dele.

– *A minha professora disse que os mais velhos que não sabem ler nem escrever também devem ir à escola.*

A tia Maria arregalou os olhos, concordando com a cabeça. Ela olhou nos olhos do tio e ele sorriu ironicamente. A tia Maria não sabia ler, mas sabia escrever seu nome no papel. Quanto à matemática, ela só conhecia a básica para contar o dinheiro e dar o troco.

– *Amanhã a tia vai com vocês* – Disse o tio, em tom de brincadeira.

– *Só se me matarem. Com a minha idade, eu não sirvo mais para a escola, já sei tudo o que preciso saber* – Respondeu a tia, de forma decisiva.

– *Nunca é demais aprender mais, tia* – Comentei.

– *Eu tenho o que preciso, Nando. Quando a noite chega, olho para as estrelas e a lua, admiro-as. Isso já basta para mim, não me importo mais em*

*saber por que brilham ou qual é o seu propósito* — Respondeu a tia, como se estivesse fingindo que não sabia de nada.

O tio Avelino ficou calado, absorvendo tudo.

— *Eu preciso ir à escola* — Declarou ele, depois de uma longa pausa.

— *O que você vai buscar lá?* — Perguntou a tia.

— *Quero descobrir por que as estrelas e a lua brilham, confesso que também não sei. Mas agora tenho muita vontade de descobrir.*

A tia sorriu um pouco.

— *Eu preciso que você me traga o Pastor Cipriano aqui amanhã.*

— *Por quê? Já faz muito tempo que você não vai à igreja.*

A tia Maria ficou em silêncio. Ela fez contato visual com todos na sala, franzindo a testa, e uma profunda tristeza misturada com vergonha apareceu em seu rosto. Ela queria dizer algo, mas se segurava antes de começar. Ela abaixou a cabeça reflexivamente e, antecipando seus pensamentos e intenções, o tio Avelino roubou-lhe a palavra.

— *A sua tia tem estado doente nos últimos dias* — Disse ele para amenizar a tensão na sala.

— *Eu sempre a vejo triste, o que ela tem, tio?* — Perguntei.

— *Não é nada grave. A doença dela não é visível. É a doença de pensar demais.*

Dito isso, ele segurou a mão da tia e a levou para o quarto. A Bitá os seguiu. Carlito e eu ficamos parados ali, até decidirmos nos recolher também.

Mas eu não conseguia parar de pensar na tia Maria, pois da última vez que alguém pediu a presença do pastor Cipriano em casa, foi porque a pessoa estava à beira da morte e acabou morrendo no dia seguinte. Por isso, não consegui dormir.

Fiquei ouvindo atentamente, com os ouvidos colados na cortina que fechava a entrada da porta, e pude ouvi-los conversando.

— *Fui ao posto esses dias, mano* — Disse a tia. — *Eles não encontraram nada, mas sinto muita dor na bexiga há anos.*

— *E você nem me contou, isso é juízo?* — Reagiu o tio, desapontado.

— *É complicado, mano. Falar sobre as dores só causa mais dor* — Ela começou a explicar. — *Mas o enfermeiro me disse que tenho miomas na bexiga, quando contei a ele o que estava sentindo e o quão inchada estava aquela área.*

— *E o que são miomas?*

— *Ele me disse que é um tipo de tumor que se formou ali em mim. Devido ao tamanho, eu preciso fazer uma cirurgia, senão morrerei. Ele também me disse que é por causa disso que eu não consigo engravidar. Não tem nada a ver com feitiçaria.*

— *Que azar, Maria. Muito azar. Aqui no posto nem bisturi temos, o que faremos?*

— *Nada, mano. Nada! Apenas me traga o pastor Cipriano.*

— *Só pode ser o meu azar mesmo! É a segunda esposa que vou perder, mas não viverei para ver a terceira morrer, não. Quando você se for, ficarei aqui e não terei outra mulher, Maria.*

– *É uma maldição, mano. Se a primeira morre, a segunda e a terceira também morrem, mas a quarta já não morrerá.*

– *É demais, Maria. Todos vão nos chamar de feiticeiros. Vão dizer que eu matei todas.*

– *Não pense assim, mano. Deus sabe que eu és inocente. Deixe estar mano, pelo menos morrerei bem.*

– *O que você faria se fosse eu?*

– *Eu te mataria, mano!* – Ela exclamou com uma voz estranha e perturbadora.

– *Eu sabia que você iria me dizer isso.*

Depois das falas da tia, só se ouviam soluços. Os dois choravam com o intuito de se consolarem mutuamente. Do outro lado, eu também chorava silenciosamente. Sem perceber sua presença, quando me dei conta, vi Carlito me flagrando no choro.

## UMA LUZ NO FUNDO... NÃO SEI

– *A tia Maria vai morrer, né?* – Inquiriu mecanicamente Carlitos, após ver-me aos prantos.

Sem responder, segurei-o pelo braço e levei-o até ao quarto para que não nos ouvissem.

– *Eu não sei se ela vai morrer ou viver.* – Respondi enquanto me ajeitava na cama.

– *Mas você estava chorando quando ouviu... Eu também ouvi, mano. A tia disse que ela vai mesmo morrer.*

– *Sim, ela disse.* – Respondi vagamente, quase soluçando.

Ouvimos passos apressados na sala. Eram pesados, como de um homem, era o tio Avelino. Ele pousou as duas mãos sobre a mesa e inclinou a cabeça, pensativo. Ficou assim por um tempo, depois derrubou um copo de alumínio que estava ao lado. Dirigiu-se à porta, abriu-a e saiu. Instantes depois, não por muito tempo, reapareceu na porta e veio até ao nosso quarto.

– *Vossa tia está a morrer, acordem!* – Disse-nos desesperadamente, parado no umbral da porta.

Levantei-me às pressas, pois não consegui mais voltar a dormir. Carlito também acordou e vestiu-se.

– *Nando, vem comigo. Vamos chamar o Pastor Cipriano. E você!* – Apontou para Carlito – *Cuide da casa.*

Sáímos.

Tinha deixado o meu relógio na bancada, por isso nem sabia que horas eram. Soprava uma brisa suave, algumas aves já cantarolavam, mesmo sem o sol ter nascido ainda.

Estava meio escuro, e lá estávamos nós subindo a rua em direção à casa do Pastor Cipriano.

– *Será que não há nada mais que possamos fazer, tio?* – perguntei desesperadamente.

– *Às vezes, a Maria me lembra a tua mãe, Nando. Ela é teimosa até mesmo na morte.*

– *Pelo menos deveríamos ir pedir ajuda no posto da UNICEF, lá estão os médicos brancos da Cruz Vermelha. A professora disse que não cobram nada e estão ali para ajudar todo mundo.*

De repente, o tio parou de andar e olhou para mim com intensidade.

– *Isso é verdade?* – Perguntou finalmente.

– *Sim, tio. Eles até ofereceram mosquiteiros para as famílias com crianças e mulheres grávidas. Eles não me deram um, mas disseram que se a Bitá viesse com um adulto receberia um. Eles têm medo de entregar mosquiteiros para as crianças, pois poderiam usá-los para pescar peixes no rio e no lago.*

Ao ouvir a minha confirmação, o tio saiu correndo. Voltou para casa e gritou para mim: – *"espere-me aqui, vou buscar a Maria! Ainda temos esperança, temos esperança!"* Ele correu até desaparecer no horizonte.

Sozinho, esperei no meio da rua. A brisa suave que me tocava transformou-se gradualmente em um vento muito frio. A árvore ao meu lado balançava suas folhas rapidamente. No chão, objetos corriam de um lado para o outro. Fiquei apavorado, encostei-me no tronco da árvore, cruzei os braços e pensei que aquilo não era normal. O frio era intenso, tive que me agachar e inclinar a cabeça para baixo. Ouvi passos leves e alguns sussurros. Pensei que fosse o zumbido do vento, não me ergui, continuei na mesma posição. Mas então vi uma luz fluorescente muito forte, como a que via quando meu pai me visitava. Senti minha alma pesar, levantei-me e vi dois vultos altíssimos, um mais alto que o outro. Não conseguia ver seus rostos, mas pareciam ser um homem e uma mulher. Eles estavam parados, olhando para mim. Assustado, gritei, mas minha voz não saiu, e não consegui mover meu corpo, aquelas duas figuras me paralisaram por completo. Por um instante, pensei que fossem meus pais meio-mortos, mas se fossem eles, teriam dito algo.

Depois, cheguei a pensar que eram dois anjos do céu, que estavam ali para me proteger, como o avô Pascoal costumava contar, que cada pessoa tinha um anjo que a seguia, mas eu tinha dois.

Depois de alguns minutos imóvel, ouvi a voz do meu tio me chamando. Consegui virar mecanicamente o pescoço para a direita e vi a luz da lanterna dele se aproximando. As duas entidades desapareceram repentinamente. Meu tio chegou, mas sem a tia.

– *Meu Deus!* – Começou ele a dizer. – Você estava Sonambulando, Nando. Eu Pedi Para Nos Encontrarmos No Posto Dos Médicos Da Cruz Vermelha, Como Você Mesmo Sugeriu.

– Não Foi Isso Que Combinamos, Tio. Você Disse Para Eu Esperar Aqui – Respondi.

Meu tio sorriu impaciente, bateu no meu ombro e disse: – *"Aqui é o cemitério, meu filho. Essa parede em que você estava encostado é o muro que cerca as sepulturas."* Em seguida, ele disse: – *"Olhe, o sol está nascendo."* Procurei por você por muito tempo.

Atônito, olhei ao redor e não encontrei explicação.

– *E a tia Maria?* – Perguntei assim que recuperei meus sentidos.

– *Ela está no posto. Uma mulher e um homem brancos estão cuidando dela. Eles não falavam nossa língua, mas a doença não tem idioma. Eles entenderam imediatamente o que a Maria estava sentindo. Disseram que ela precisava ser operada imediatamente. Eu não fiquei para ver.*

Senti um alívio ao ouvir os relatos do meu tio. Ele parecia mais calmo e confiante. Caminhamos em direção ao posto, agora sem tanta pressa. Estávamos em silêncio, apenas caminhando. Senti a mão do tio Avelino no meu ombro, paramos. Ele olhou para mim.

– *Por que você não nos contou antes sobre o posto dos brancos?* – Perguntou ele.

– *Não deu tempo, tio. Em casa tudo estava confuso, o ambiente não era mais o mesmo.*

– *Você está certo, você está certo...* – Concordou o tio.

Continuamos nosso caminho.

## O QUE PARECE INEVITÁVEL

Quando chegamos ao posto da cruz vermelha, a tia Maria ainda estava imobilizada, desfalecida. Vê-la no leito daquele catre, sem expressões nem emoções já cheirava óbito. No instante que chegamos, a tenda estava vazia, só a tia é que jazia na cama. Poucos instantes depois, apareceu um homem alto e branco com uma bata branca, este falava português. Veio às pressas até nós.

– *Precisa de sangue.* – Começou por dizer o homem – *Maria perdeu quase todo o seu sangue na operação, precisamos alguém com o sangue A positivo para doá-la* – Concluiu.

Ao ouvir a oposição do homem, o tio olhou para tia como se tivessem feito contacto visual mesmo com os olhos dela fechados.

– *O camarada enfermeiro do nosso posto, ultimamente disse-me que eu poderia dar sangue a toda gente, mas nem toda poderia me dar* – Respondeu o tio.

– *Ah! Deve ser um doador universal, O positivo. Serve, senta-te aqui para iniciar a transfusão.* – Disse o homem.

Quando o homem começou a injetar a agulha no tio, abandonei a sala e pensei logo nas aventuras do Ngangula nas guerrilhas, dizem que nenhum metal lhe perfurava a pele. Era um imortal em combate. Se o tio Avelino tivesse uma tradição como a dele, a essas horas a tia estaria morta. Afinal, a tradição da guerra era mesmo para guerra, para a paz não se precisava tradição alguma. Bastava-se ser homem de carne e osso.

O sol tinha já andado um bocado. Do outro lado do acampamento que era a escola, alguns meninos, os que sempre madrugavam à escola já jogavam a bola. Quando os vi, corri para casa, lavei a cara, o Carlito e a Bitá também. Segurei a minha sacola que eu mesmo costurara e fomos à escola.

Enquanto andávamos Bitá perguntou-me onde estava a tia, eu respondi que não se sentia bem, estava no posto e voltaria para casa logo.

Carlito fitou-me desconfiado e logo desviou para baixo o seu olhar como se não acreditasse no que eu acabara de dizer a Bitá. Aquele menino estava ganhando experiência de mais.

Quando chegamos, cada um dirigiu-se para sua sala. Na minha já tinham entrado, pedi licença e entrei. Ajeitei-me numa lata amarela, apoiei o caderno no colo, agarrei a esferográfica entre o polegar e o indicador e pus-me a copiar tudo que estava escrito no quadro.

A medida que eu copiava, as minhas mãos ficavam trémulas, a cabeça pesava-me e os olhos também, fazia um enorme esforço para não pestanejar e palpebrejar, mas estava pesado demais. A professora explicava alguma coisa, ou seja, parecia que lia alguma coisa no livro, contava uma estorinha. "Uma floresta, um reino e um leão chamado Kibala, o rei que governava toda a selva, porém não respeitava a todos. Incomodava-se com o luar, por isso berrava, até acordar toda selva e ria-se satisfeito. E dizia: *"se o rei não dorme, os escravos também não."* Kibala irritava de propósito os outros animais, abanava as árvores de frutos e as espezinhava sem se incomodar, só porque

gostava de carne. Ria-se e dizia: "se o rei não gosta de frutos, os escravos não podem gosta..." Certo dia, faminto, Kibala saiu para caçar, todos animais fugiam, quando ela se aproximava, fitar uma bela palanca com suas crias, salivando, Kibala pensou já ter encontrado sua janta, quando se lançou para as crias, escorregou e caiu num buraco, uma armadilha que os outros tinham feito para ele por causa das suas maldades. Aflito, clamou por ajuda, rugia e berrava. Ficou por lá a noite toda..."

– Fernando! Fernando!

Acordei em sobressalto, deixando cair o material todo no chão. A professora estava bem na minha frente agachada a olhar para mim. A turma toda ria-se excepto a Lina, que parecia preocupada e um pouco envergonhada com a cena.

– *Eu sonambulei de novo?* – Perguntei ofegante.

– *Não. Você adormeceu na aula* – Explicou a professora Ana.

– *Desculpa, senhora professora!*

– *Tudo bem. Parece-me que você não tem dormido, o que se tem passado?*

– *Nada, senhora professora. Nada!* – Respondi.

A professora ergueu-se, olhou para a turma e orientou o recreio. Em poucos minutos a sala tinha ficado vazia. Eu ainda permanecia lá dentro, inerte, mas pensativo. Pensava na tia Maria e no tio Avelino.

– *Nando, você está bem?*

Virei-me e vi a Lina. Segurando-me pelo ombro.

– *Você parece estar doente.* – Insistiu.

– *Estou bem. Quem está doente não sou eu, é a tia Maria. Mas já vai recuperar assim que receber o sangue.* – Expliquei.

– *Sinto muito, Nando. É por isso que você está assim?* – Perguntou Lina.

– *Sim...* – Respondi. – *Vê-la doente daquele jeito, faz-me lembrar a mãe.*

Senti a mão da Lina a apertar-me forte quase que involuntariamente, olhei para ela de soslaio. Largou-me envergonhada e ficou inexpressiva.

– *O posto é aqui do outro lado, na cruz vermelha. Vamos ver como ela está.* – Sugeri.

Sáímos. Andamos aproximadamente só uns 500m e já estávamos lá no posto. O tio Avelino estava fora sentado no cantil amarelo de vinte e pouco litros. Recebeu-nos e disse que a tia estava boa, já tinha acordado e até comeu papa de soja.

– *Podem entrar e falar com ela em pessoa.* – Sorriu.

Entramos.

– *Nando...!* – Exclamou a tia ao ver-me entrar.

Lina vinha atrás de mim. Apressei-me até a cama e sentei-me na beirada.

– *A tia está bem?* – Perguntei.

– *Sim, já me sinto muito melhor! Dá-me, até vontade de ir vender.* – Sorriu.

Sorri também.

– *Ah!* – Exclamou ao notar o vulto da Lina – *Finalmente você trouxe a tua namorada*, – Iniciou por dizer toda empolgada – *É a Lina, né? Vem cá filha, o Nando fala muito de ti lá em casa.*

Lina aproximou-se devagar, fitou-me e quase desatou numa risada de zoeira, quando viu meu rosto de vergonha despido. Confesso que naquela hora, gostaria que eu tivesse a tradição de virar bicho, eu viraria um cágado e refugir-me-ia dentro da carapuça.

– *Lina!* – Chamou a tia, expressando o nome como se fosse um suspiro. Disse Lina esvaziando os pulmões.

– *Sim, tia.* – Respondeu vagamente a Lina.

– *É um prazer conhecer você, finalmente!* – Tornou a sorriu ao dizer isso.

– *Obrigada, tia.* – Sorriu reciprocamente a tia.

– *Quando é que a tia vai sair daqui?* – Perguntei, interrompendo o momento das duas.

– *Daqui a pouco, Nando. Quando acabar este balão de soro, vão colocar mais outro, quando terminar, poderei já voltar* – Afirmou.

– *Está bem, tia. Sinto falta da tua comida* – Sorri após meu comentário. A tia Maria sorriu também, mas, sorria olhando para Lina.

– *Um dia, quando a Lina cozinhar para você, já não te lembrarás da minha comida* – Disse a tia.

O tio Avelino entrou na sala. Calamo-nos.

– *A hora do recreio já acabou, voltem já a escola.* – Disse o tio.

Despedimo-nos da tia e voltamos a escola.

– *Desculpa Lina! Por tudo aquilo que a tia disse. Ela é uma brincalhona!* – Justifiquei-Me.

– *Nando! Deixa ya, não estraga. Eu gostei muito da tia Maria e das suas brincadeiras.* – Retorquiu extasiada.

– *Lina!*

– *Sim...?*

– *É tudo verdade. Eu falo muito de você em casa, porque ainda gosto muito de ti,* – Expliquei.

– *Eu sei, Nando. Também faço o mesmo em casa, falo muito de ti.* – Lina respondeu sorrindo. Abrandou o passo. Parou diante de mim, ela era alguns centímetros mais alta que eu, então curvou-se um bocado. Deu-me um beijo rápido no canto da boca e saiu a correr.

Fiquei ali paralisado, tudo acontecera tão rápido. Não parecia que era real, mas era. O Carlito e a Bitá vinham ao meu encontro, as aulas tinham acabado. Os alunos da minha turma também se despertavam. Eu e a Lina tínhamos acabado de matar a última aula.

Quando Carlito e a Bitá chegaram, os segurei nas mãos não sei porquê e caminhamos assim até em casa. Eu filizão da vida!

## QUANDO OS OUTROS CORREM

No final do dia, quando o sol já se escondia atrás do horizonte, o tio Avelino e a tia Maria voltavam já para casa. Ainda um pouco distante, eu via o tio carregando uma fronha onde tinham enfiado as roupas da tia e os cobertores. A tia sem fazer muito esforço só trazia na mão esquerda, o cesto plástico azul por onde andavam os pratos e talheres.

Quando os notei, pus-me a correr para recebê-los. Carlito e a Bitá, que estavam distraídos a brincar de escolinha, correram atrás de mim sem saberem porquê, talvez, o simples acto de correr os contagiou. Ou talvez, era a velha máxima do avô Pascoal que ganhava vida, ele dizia: — "*quando os outros correm, você também corre.*" O avô tinha razão, mas aquela máxima parecia era só mesmo do tempo da guerra, onde todos esquivavam-se dos tiros e obuses. Fui o primeiro a chegar, claro! Abracei a tia, primeiro. Em seguida recebi do tio a fronha que trazia. Carlito e Bitá também abraçaram a tia Maria de uma só vez. Bitá recebeu o cesto das mãos da tia e o colocou para carregar na cabeça, não estava pesado, mas, mesmo assim a tia lhe improvisou uma rodilha com o seu lenço da cabeça.

Bitá ficou muito feliz, pois gostava muito dos hábitos das mais velhas, imitava os gestos no trabalho e algumas atitudes. Algumas vezes que colocava um sapato nas costas e o apertava com um pano, como se estivesse a carregar um bebê de verdade. Bitá era uma criança que ansiava muito ser mais velha!

– *A casa está bem limpa.* – Comentou a tia quando saiu do quarto.

Sorri orgulhoso e um pouco envergonhado, pois tínhamos limpado toda a casa naquele mesmo dia em poucas horas antes.

– *Finalmente em casa!* – Exclamou o tio, puxando uma cadeira.

– *Sentimos muito a vossa falta, tio...* – Desabafei.

Carlito não falava nada, só escutava como sempre. Bitá estava sentada ao lado da tia e apoiava a cabeça no seu colo.

– *Bom, já passou, já passou! Não há nada que não passa.* – Disse a Tia. – *Tem carne que compramos no caminho, já sentia falta da minha cozinha, vou cozinhar.* – Completou enquanto se movimentava a caminho da cozinha.

– *Mas, a tia veio hoje do posto e já vai cozinhar? Deixa que eu cozinho, tia* – Sugeri.

– *Não Nando! Não existe descanso como tal, cozinhar nem cansa é divertido.* – A Tia Maria rebateu a minha ideia.

– *Está bem, tia. Pelo menos deixe-me ajudar com o alho.*

A tia assentiu maquinalmente com a cabeça. Deu-me duas cabeças de alho, que eu me pus a descascar. Sinceramente, eu nunca gostara descascar o alho, faltavam-me unhas e, às vezes, punha o dente de alho no meu dente para lhe descascar com mais facilidade, mas o puro desgosto era o cheiro forte do alho que não afrouxava tão fácil, mesmo depois de lavar a boca e os dentes. Naquele dia eu me esforçava e mostrava que fazia com o mais puro prazer.

## *NENHUMA HISTÓRIA TERMINA COM “FELIZES PARA SEMPRE”*

Muitas coisas sucederam depois do que tia Maria regressou do posto curada. Algumas tinham mesmo melhorado, já se passara dois anos, depois daquele incidente. Tia Maria só usava roupas um pouco mais grandes, mesmo assim, a barriga que lhe crescia sempre dava nas vistas. A sua quase infertilidade, afinal era só mesmo uma doença curável e não um feitiço inquebrável. Estávamos todos felizes, por ela, finalmente tínhamos um primo. Tia Maria que acordava todos dias para varrer nosso pátio, agora dormia até tarde, as vizinhas tinham lhe dito, que não se varre enquanto se está grávida, por isso a Bitá varria em seu lugar. Aquea menina amava mesmo o trabalho!

Tio Avelino, não demonstrava sua alegria, mas só de vê-lo, parecia mais suave algumas vezes e muito preocupado noutras. Não falava nada nalguns dias. Ia no seu ofício de construir, quando regressava tomava banho, comia e se deitava. Não fazia mais serão como dantes.

– *O que se passa com o tio afinal?* – Perguntei à tia Maria.

– *Teu tio anda com muito medo, só isso!* – Respondeu.

– *Medo de quê tia?* – Tornei a perguntar.

– *Medo das coisas se repetirem...* – Tia Maria interrompeu a conversa.

Tio Avelino tinha chegado, quando a tia estava mesmo prestes a explicar-me o real motivo do medo do tio, porém eu desconfiava o que era, mesmo assim, não pude deixar de pensar noutras coisas.

Cheguei até a pensar que alguma outra tradição, ou um feitiço o desassossegara de novo. Ou talvez, uma praga... Mas nada disso! Eram só os meus pensamentos.

Naquela altura eu contava já 18 anos. Já era um homem, aliás, a muito que me tornara já um homem. Não se diz ser criança quem trabalha como homem. Enfim! As coisas com a Lina andavam lindamente.

Saíamos quase todos dias, ou seja, nos encontrávamos quase sempre no mesmo lugar, quase sempre no mesmo horário, a noite e outras vezes, à ao por-do-sol. Mas sempre saímos daquele lugar, a beira do rio, naquela pedra gigante a noite.

Ultimamente o tio Avelino disse-me que era melhor ele ir mesmo tratar das formalidades, foram até a casa da Lina rerepresentaram-se como meus encarregados, e, que se alguma coisa acontecesse à Lina, eles estariam prontos para recebê-la. Tudo isso, porque nós encontrávamos as noites.

Segundo o tio, as noites ressuscitam antigos desejos ou desejos escondidos. E ele tinha toda a razão, pois nós, já havíamos experimentado muitas coisas naquele lugar, até contávamos as vezes, ou seja, eu é que contava, tinha a mania de elevar algumas vezes o meu ego.

Lina tinha gostado da ideia da legalidade e só falava já do casamento. Que seria uma boa mãe e mulher para mim ao mesmo tempo.

Enquanto tudo isso sucedia connosco, os dias da tia Maria com aquela barriga estavam contados. A tia já estava mesmo na semana do parto, já até sentia fortes dores.

O tio Avelino andava de um lugar para o outro, evitava ficar em casa para não ter que vê-la sofrer no estado em que atravessava, de mulher para mãe. A mãe da tia Maria, tinha chegado da sua aldeia para cuidar da filha, estava feliz por ela, cantava e até lhe dera um apelido bíblico, lhe chamava Sara.

Naquela noite de dezembro, a tia entrou no trabalho de parto. Só as mulheres da vizinhança estavam na casa. Eu estava com a Lina, não muito longe de casa, estávamos sentados na bomba de água do bairro. Conversávamos sobre tais coisas. Gravidez. Parto. Bebê e o senhor etc.

O tio Avelino ninguém sabia do seu paradeiro. Estava com muito medo. Antes de desaparecer, ele disse-me que, era bom se os médicos da Cruz Vermelha ainda estivessem aqui.

O tio persentira alguma coisa, ou era a lembrança de um passado triste em que perdeu a primeira esposa e o filho no trabalho de parto? Talvez um levava ao outro. Tudo fazia mais sentido, e ele tinha outra vez razão, era bom se os médicos estivessem ainda ali, porque choveu muito na nascente do rio, a represa encheu e as comportas do rio rebentaram, a água descia sem mais parar.

Foi assim que sucedeu, mas era da tia que descia o corrimento, uma hemorragia, uma artéria rebentada.

As mulheres davam-lhe de beber desesperadamente água misturada com fuba\*, mas o sangue não parava, a mulher desfalecia, a tia Maria estava mesmo a morrer no instante que se convertera a mãe. O recém-nascido chorava, mas a mãe não lhe podia amamentar naquele estado; sem forças. Mas, ainda balbuciou algumas palavras, quando viveu o seu bebê.

— *É mesmo cara do Avelino!* — Disse. — *Esse gajo não me deixou lugar para pôr alguns traços no miúdo, ele nunca me deixou ficar em cima -* Enfim, sorriu com fraqueza.

— *Sua mãe batia com chineladas no pé, quando a tia Maria fechava os olhos. As mulheres tentaram de tudo. Nada!*

Em poucos minutos o sangue tinha lhe saído todo do corpo. A tia Maria morreu. E esse era o maior medo do tio, já tinha isso em sua cabeça. Quis até chorar, mas se conteve. Já sofrera muito antes de tudo. As velhas máximas proféticas estavam sempre a fazer sentido, naquela hora lembrei-me das palavras da tia Maria, quando disse: — *“é assim mesmo, eu vou morrer, pois, se morrer a primeira, morre a segunda”*.

O bebê morreu três dias depois. Mas, ninguém chorou, como manda a tradição. Não se choram os bebês.

O tio Avelino ficou trespassado, magro e até adoeceu. E voltou a jurar, que jamais se casaria de novo. Que ele estava enfeitado so podia. Converteu-se viúvo até nos fins de seus dias, alguns anos depois do ocorrido.

Nós os que ficamos, os sobreviventes. Eu, Lina, Bitá e Carlito não ficamos no felizes para sempre. Sucederam mais catástrofes mortais, perdemos mais alguém. Mas, por agora, deixa para lá, esqueçamos isto e o melhor é terminar o livro dizendo que sim, eu me casei com ela.

## **SOBRE O AUTOR:**

António Diogo Salomão Manuel, Docente e Escritor, Nasceu na Província da Huíla aos 22 de Junho. É estudante do Instituto Superior de Ciências Da Educação da mesma Província. Seu contacto com a Escrita Começou em 2017 e em 2020 publicou seu primeiro Livro no formato E-book intitulado “Poemas Da Meia Noite” pela Editora Água Preciosa, Academia de Escritores da Huíla. Em 2022 fez o lançamento de seu segundo Livro intitulado “Auroras Da Alma”, publicado pela D´Art Editora na Província de Luanda.